



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Paulo Cesar da Silva Lopes Junior

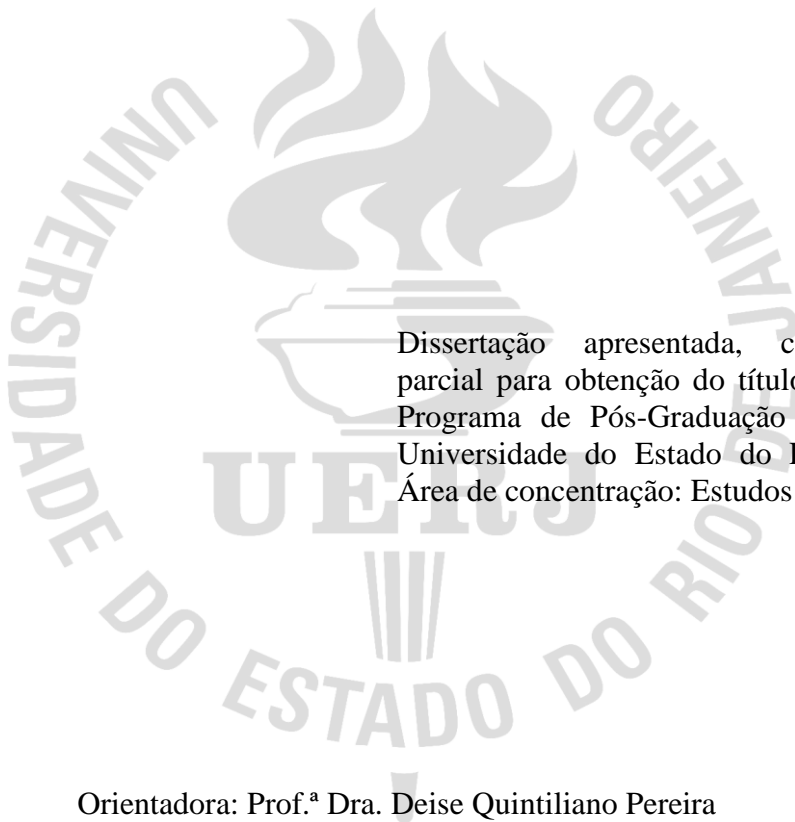
**Na vida e na escrita: o universo autobiográfico de Édouard Louis em
*O fim de Eddy e na História da violência***

Rio de Janeiro

2022

Paulo Cesar da Silva Lopes Junior

Na vida e na escrita: o universo autobiográfico de Édouard Louis em *O fim de Eddy* e na *História da violência*



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Literatura.

Orientadora: Prof.^a Dra. Deise Quintiliano Pereira

Rio de Janeiro

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

L888 Lopes Junior, Paulo Cesar da Silva.
 Na vida e na escrita: o universo autobiográfico de Édouard Louis em O fim de Eddy e na História da violência / Paulo Cesar da Silva Lopes Junior. – 2022.
 78 f. : il.

 Orientadora: Deise Quintiliano Pereira.
 Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

 1. Louis, Édouard, 1922- – História e crítica - Teses. 2. Louis, Édouard, 1922-. O fim de Edy - Teses. 3. Louis, Édouard, 1922-. História da violência - Teses. 4. Autobiografia na literatura – Teses. 5. Violência na literatura – Teses. 6. Preconceitos na literatura – Teses. 7. Homofobia na literatura - Teses I. Quintiliano, Deise, 1962-. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 840-95

Bibliotecária: Mirna Lindenbaum. CRB7 4916

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Paulo Cesar da Silva Lopes Junior

Na vida e na escrita: o universo autobiográfico de Édouard Louis em *O fim de Eddy* e na *História da violência*

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Literatura.

Aprovado em 22 de julho de 2022.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Deise Quintiliano Pereira (Orientadora)
Instituto de Letras – UERJ

Prof^a. Dra. Laura Barbosa Campos
Instituto de Letras – UERJ

Prof^a. Dra. Nícea Helena de Almeida Nogueira
Universidade Federal de Juiz de Fora

Rio de Janeiro

2022

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação acadêmica a outras pessoas que, bem como eu, não puderam experienciar as suas sexualidades, as suas identidades e as suas singularidades como gostariam ao longo de suas vidas. Portanto, seguimos: existindo e resistindo.

AGRADECIMENTOS

À espiritualidade.

Aos meus pais, que investiram e acreditaram em mim.

À Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, por me proporcionar um ensino público, gratuito e de qualidade.

Ao Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, ILE/UERJ, que me concedeu a Licenciatura e o Bacharelado.

Ao Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Letras por depositar fé em mim, em minha pesquisa e por me tornar pesquisador que agora sou.

À Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, FAPERJ, por incentivar a minha pesquisa por meio do Programa de Mestrado Bolsa Nota 10.

Aos meus queridos amigos e amigas. Sem vocês, eu não estaria aqui.

À Prof.^a Dra. Laura Barbosa Campos, a mentora do meu caminho à pesquisa acadêmica, apresentando-me as Escritas de Si e as obras autobiográficas de Édouard Louis. Sua gentileza mostrou-me que há flores nos cactos da vida acadêmica.

À Prof.^a Dra. Deise Quintiliano Pereira que, além de ter me orientado antes mesmo do meu percurso no Mestrado, tem se tornado, a cada dia, uma amiga indispensável e valiosa na jornada da minha vida.

À Prof.^a Dra. Nícea Helena de Almeida Nogueira por ter aceitado o nosso convite e por todo carinho e atenção ao avaliar o meu trabalho. Pessoas assim estão cada vez mais raras.

À minha família paterna e materna.

A todos os meus professores do ensino básico até a pós-graduação *stricto sensu*. O que sei sobre a minha carreira veio de vocês: não nasci professor, tornei-me professor.

Àqueles que não estão mais comigo e àqueles que sempre estiveram, e que juntos de alguma forma contribuíram ou me inspiraram para o meu crescimento pessoal e profissional.

A todos vocês aqui referidos: gratidão eterna.

As leis não bastam. Os lírios não nascem da lei.

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

LOPES JUNIOR, Paulo Cesar da Silva. *Na vida e na escrita: o universo autobiográfico de Édouard Louis em O fim de Eddy e na História da violência*. 2022. 78 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Este trabalho se insere no campo de investigações das Escritas de Si, em que o autor-narrador-personagem escreve sobre a própria vida. Assim, propõe-se pensar as autobiografias – episódicas, viscerais e chocantes – de Édouard Louis, *O fim de Eddy* e a *História da violência*, a partir da coletânea de Philippe Lejeune, *O Pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*, analisando se as escritas do “eu” do narrador-personagem correspondem às categorias estudadas por Philippe Lejeune. Além disso, inerente às obras de Édouard Louis, serão destacados os fenômenos da violência e do preconceito que permeiam ambas as obras, tendo em vista o caráter de sua escrita politicamente revolucionária, socialmente transgressora e engajada nos movimentos pelos direitos das minorias. À vista disso, entenderemos, a partir da literatura édouardiana, que há corpos que são menos amados e dificilmente aceitos do que outros, como esclarece Judith Butler. Desse modo, estes estão mais propícios a sofrerem violência, tal qual o corpo *gay* masculino afeminado. No caso de Édouard Louis, veremos como a heteronormatividade, impregnada em seu ambiente social e familiar, acarretou-lhe danos irreparáveis em sua vida. Portanto, a partir de seu próprio material humano, Louis coloca em suas escritas situações reais, que entram em choque não somente com a tradição de sua família e de seu pequeno vilarejo rural, mas com toda a forma de estrutura de recepção do Estado Francês e do mundo para com as minorias.

Palavras-chave: Escritas de si. Édouard Louis. Violência. Preconceito. Homofobia.

ABSTRACT

LOPES JUNIOR, Paulo Cesar da Silva. *In life and in writing: the autobiographical universe of Édouard Louis in O Fim de Eddy and História da violência*. 2022. 78 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

This work is part of the field of investigation concerning Self-writing, in which the author-narrator-character writes about his own life. Thus, we propose to think about the autobiographies – episodic, visceral and shocking – of Édouard Louis, *O Fim de Eddy* and *História da violência*, from Philippe Lejeune's compilation of works, *O Pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*, analyzing whether the writings of the “I” of the narrator-character correspond to the categories studied by Philippe Lejeune. Apart from that, inherent in the works of Édouard Louis, the phenomena of violence and prejudice that permeate both books will be highlighted, having in perspective the character of his politically revolutionary writing, socially transgressive and engaged in movements for the rights of minorities. From this point of view, we will understand, from Édouardian literature, that there are bodies that are less loved and hardly accepted than others, as Judith Butler tells us. Thus, they are more likely to suffer violence, just like the effeminate gay male body. In the case of Édouard Louis, we will see how heteronormativity, impregnated in his social and family environment, caused irreparable damage to his life. As a result, from his own human material, Louis puts real situations in his writings, which clash not only with the tradition of his family and his small rural village, but with all the reception structure of the French State and of the world towards minorities.

Keywords: Self-writing. Édouard Louis. Violence. Prejudice. Homophobia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Édouard Louis pour le <i>magazine 360°</i>	13
Figura 2 – <i>En finir avec Eddy Bellegueule</i> , edição francesa.....	31
Figura 3 – <i>O fim de Eddy</i> , edição brasileira.....	32
Figura 4 – <i>Histoire de la violence</i> , edição francesa.....	40
Figura 5 – <i>História da violência</i> , edição brasileira.....	41

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	10
1	ÉDOUARD LOUIS EM CONTEXTO.....	14
2	AS PREMISSAS DO “PACTO” DE LEJEUNE NAS OBRAS ÉDOUARDIANAS	21
2.1	O pacto autobiográfico.....	22
2.2	A autobiografia e o lugar de fala édouardiano.....	28
3	O UNIVERSO ESTÉTICO DE ÉDOUARD LOUIS.....	31
3.1	Investigação arqueológica da violência.....	57
3.2	A autobiografia enquanto móvel de luta.....	64
	CONCLUSÃO.....	69
	REFERÊNCIAS.....	75

INTRODUÇÃO

Desde jovem, ainda sem compreendê-las como um gênero literário, as Escritas de Si despertavam em mim intensa curiosidade e fascínio por meio de textos que se intitulavam verdadeiros. Organizadas e separadas em parágrafos, as experiências pessoais eram o foco principal de meu incômodo. Seria a vida tão linear quanto os livros que são divididos essencialmente, na maior parte dos casos, em início, meio e fim? A procura por respostas aumentava à medida que, ainda como leitor, percorria por horas as folhas autobiográficas.

Nessa investigação, ainda enquanto estudante de graduação, tive a oportunidade de conhecer a primeira obra do escritor francês Édouard Louis¹, *O fim de Eddy*². Nessa época, havia pouco, ou quase nada, produzido academicamente no Brasil a respeito da vida e da obra do jovem escritor *gay*, oriundo de família humilde da França. O livro fora lançado em 2014 em seu país de origem, mas somente quatro anos depois ganhou espaço nas livrarias brasileiras com a sua versão traduzida em 2018.

O seu modo de escrita assumia um “eu” narrador que expunha abertamente feridas sobre as suas condições emocionais, físicas e psicológicas, as quais ele havia sido submetido, durante a infância e grande parte de sua juventude. O tom reflexivo junto à crueza das situações causava-me angústia, inquietação e, em casos extremos, paralisia. Fechava o livro e respirava fundo. Ficava estupefato, mudo, quieto. Eram minutos de tensão, tristeza e indignação.

Para ser mais claro, a verdade é que esse autor captava com facilidade as mais diversas situações de injustiça experienciadas por jovens *gays* e banalizadas no dia a dia. O seu olhar crítico, político e sociológico sobre o seu passado desvelava a violência entranhada na sociedade, de forma que o seu leitor não pudesse sair incólume da força com que as suas escritas estavam expressas em cada página.

Nesse caminho, pude notar que as violações e os preconceitos descritos por Édouard Louis não eram casos isolados e particulares, mas ações estruturais de repúdio, ódio e violência em relação a determinadas minorias sociais. Além disso, admirava a

¹ A foto do autor está disponível na página 13.

² Confira a capa da edição brasileira do livro na página 32.

forma como este escritor estava disposto a correr os riscos da hiperexposição de si e de sua família em favor de denúncias sociais, mesmo que isso lhe trouxesse consequências a médio e longo prazo.

De fato, rapidamente, o seu livro de cunho pessoal tomou conta do *fait divers*, levando-o ao estrelado com apenas 21 anos de idade e vendendo, apenas na França, mais de 300 mil exemplares do *En finir avec Eddy Bellegueule*³. Entretanto, toda essa exposição acarretou diversas divergências com os seus familiares, fazendo com que sua mãe e seus irmãos fossem até a televisão e os jornais para garantirem o seu direito de resposta e “desmentissem” as acusações imputadas pelo escritor.

Ainda encantado por suas trajetórias pessoais, debruçei-me sobre seu segundo livro, o *Histoire de la violence*⁴, lançado logo após a sua obra de estreia. Assim, o autor relatava uma das faces mais bárbaras do ser humano e estampava novamente os artigos dos jornais. Outra vez, a questão da violência era posta no centro de sua obra literária, denunciando o estupro ocorrido em seu próprio apartamento por um rapaz que acabara de conhecer numa noite de véspera de Natal.

Em uma narrativa polifônica, intercalada pela voz do escritor e de sua irmã, Clara – rigorosamente preconceituosa e discordante das opiniões do irmão –, o leitor acompanha a inquietação do narrador-personagem que busca obsessivamente por respostas para aquele acontecimento criminoso. Como uma espécie de “arqueologia da violência”, o autor escava o seu passado, mais uma vez, revelando a “angústia gay” como consequência de sua infância e adolescência submergidas em preconceitos e opressão.

Assim, na esteira dessas novas descobertas, o nosso objetivo é dialogar com as duas obras de Édouard Louis, *O fim de Eddy* – lançada na França em 2014 e publicada em 2018, no Brasil –, bem como da *História da violência*⁵ – lançada em 2016 na França e publicada em 2020, no Brasil – buscando a compreensão da violência, permeada por ambas as produções literárias, que foi reproduzida em diferentes esferas da vida desse autor-narrador-personagem.

³ Confira a capa da edição francesa do livro na página 31.

⁴ Confira a capa da edição francesa do livro na página 40.

⁵ Confira a capa da edição brasileira do livro na página 41.

Além disso, utilizaremos questões-chaves visando promover a elisão entre as Escritas de Si, os elementos sociopolíticos e os Estudos Culturais, em virtude do caráter denunciativo, discutindo a trajetória desse jovem “trânsfuga de classe”⁶, que, abandonando o interior e ascendendo intelectual e socialmente, utiliza a literatura autobiográfica como meio de denúncia dos abusos sofridos durante a sua infância, juventude e vida adulta.

Sendo assim, é a partir da relação entre o preconceito e a violência que emerge a literatura édouardiana, a qual nos tira do lugar comum e choca por relatos pessoais dificilmente trazidos à cena, num momento histórico precedente. Isso porque, embora Édouard Louis refute e teça críticas às redes sociais⁷, é inegável que, as Escritas de Si – narrativa em que a pessoa descreve a história de sua vida e se intitula explicitamente como autor biográfico – têm se propagado a passos largos na sociedade ocidental e, em muitos casos, recorrendo a incansáveis tentativas de organização do sujeito fragmentado advindo da era pós-freudiana.

Desse modo, para ressaltar o caráter de uma escrita politicamente contestadora, socialmente transgressora, sexualmente engajada nos movimentos pelos direitos LGBTQIA+⁸, analisaremos, em suma, o estado da arte da produção de autobiografias, as pegadas das teorias estéticas contidas nos Estudos Culturais e refletidas no *corpus* referido, que farão eclodir, da dolorosa narração édouardiana, o aspecto catártico, mas também engajado, disseminado em ambas as obras.

⁶ Para Bernard Lahire (2009, p. 174), “Denomina-se, às vezes, em sociologia ‘trânsfuga de classe’ a pessoa que nasceu num meio social e que, em sua vida adulta, vive num outro meio social. Casos mais frequentemente estudados (ou ao menos mencionados) são os de mobilidade social ascendente através da via escolar.”

⁷ Cf. LOUIS, Édouard. **Edouard Louis - Changer : méthode**. Youtube, 11 de fev. de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xp6ELy0vGrQ>. Acesso em: 18 de jun. de 2022.

⁸ Lésbicas, *gays*, bissexuais, transexuais, *queer*, intersexuais, assexuais e o símbolo de “+” indica outras orientações e identidades que não estão delimitadas.

Figura 1 – Édouard Louis pour le *magazine 360*⁹



Fonte: DELRUE, 2019.

⁹ Cf. DELRUE, Arnaud. **Édouard Louis pour le magazine 360**. 2019. Figura 1. Disponível em: <https://www.delrue.fr/index.php?m=portraits&i=30&c=1>. Acesso em: 03 jul. 2022.

1 ÉDOUARD LOUIS EM CONTEXTO

Édouard Louis – nome adotado para substituir Eddy Bellegueule – é um jovem escritor oriundo de Hallencourt, localidade da Picardia, região do norte da França. Nascido em 1992, numa família extremamente pobre, com cerca de mil habitantes, de classe operária, nesse vilarejo rural situado numa pequena comuna, onde as práticas aberrantes do preconceito e da violência eram reproduzidas geração após geração, o escritor foi o primeiro de sua família a frequentar a universidade.

Na verdade, com o seu bom desempenho no teatro, Louis teve a oportunidade de estudar o Ensino Médio longe de casa¹⁰. Esse deslocamento, que o fez sair de Hallencourt, foi um fator de extrema importância para a sua jornada enquanto jovem trânsito geográfico e social. A partir dessa mudança, Édouard pôde reinventar a sua vida, apostando nos estudos acadêmicos, no engajamento político e, sobretudo, nas escritas de seu passado sombrio – vivido aproximadamente até os 15 anos – na vila operária no norte da França¹¹.

Formado pela École des Hautes Études en Sciences Sociales e adquirindo o entendimento das estruturas sociais, dos sistemas de reprodução da violência e da pobreza na sociedade; lançou o seu primeiro livro de memória pessoal *En finir avec Eddy Bellegueule* [O fim de Eddy] em 2014. Assim, tornou-se um escritor muito célebre na França por suas narrativas pessoais eivadas de análises sociológicas e teor político, sendo, atualmente, um autor traduzido em mais de 20 idiomas.

De cunho autobiográfico, o projeto literário édouardiano é tributário de Annie Ernaux, a cuja corrente literária se filia. Na busca de uma metodologia que lhe permitisse levar em conta a origem social dos alunos, no pós maio de 68, a escritora – também professora formada em Letras – faz a descoberta de *Os Herdeiros*, livro escrito

¹⁰ Cf. RODRIGUES, Maria Fernandes. Édouard Louis volta à infância miserável para investigar as origens da violência, **O Estado de São Paulo**, 16 jun. 2018. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,edouard-louis-volta-a-infancia-miseravel-para-investigar-as-origens-da-violencia,70002352231>. Acesso em: 23 jun. 2022.

¹¹ Cf. RODRIGUES, Maria Fernandes. Édouard Louis volta à infância miserável para investigar as origens da violência, **O Estado de São Paulo**, 16 jun. 2018. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,edouard-louis-volta-a-infancia-miseravel-para-investigar-as-origens-da-violencia,70002352231>. Acesso em: 23 jun. 2022.

pelos sociólogos Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron, publicado em 1964, abordando o sistema de ensino universitário e sua relação com a elite cultural.

Funcionando como uma chave teórica apta a fornecer a Ernaux tanto uma compreensão de sua própria trajetória quanto de uma consciência de sua origem, outros títulos de Bourdieu viriam se somar a *Os Herdeiros*. Trata-se de um investimento na construção de um alicerce político, ideológico e cultural pela escritora que caminha a contrapelo da *intelligentsia* francesa, se situando na vanguarda feminista, notadamente com a publicação de *La Femme gelée*, em 1981.

Ao evitar o rebuscamento e o maneirismo da forma, a autora da “escrita plana” que “talha como uma faca”¹² revela-se igualmente uma trânsfuga de classe e também geográfica – nasce em Lillebonne, na Normandia, transfere-se para Rouen, onde faz seus estudos universitários, vivendo, atualmente, em Cergy-Pontoise, a noroeste de Paris. Seu desejo de produção de uma escrita ancorada no real, num contraponto com o ficcional, sem jamais renunciar à inscrição social do indivíduo, leva Ernaux à cunhagem do termo autossociobiografia¹³ (“forma itinerante”, “gênero viajante” ou “gênero à parte”), na definição de seu fazer literário.

Não por acaso, Édouard Louis, leitor privilegiado de Ernaux, também é sociólogo. Na Alemanha, o termo autossociobiografia associa-se diretamente a Didier Eribon – outro herdeiro de Ernaux e orientador de doutorado de Édouard Louis – em parceria com quem Louis publica uma coletânea política em homenagem a Bourdieu, em 2013¹⁴. Para além das similitudes intratextuais édouardianas: relato agudizado da dor, denúncia visceral da violência, centramento no episódico no âmbito das Escritas de Si e abordagem sociopolítica dos fatos trazidos à luz, Édouard Louis reproduz o deslocamento espacial experienciado por Ernaux, revelando-se igualmente um trânsfuga geográfico – nasce na Picardia, muda-se para Amiens e vive, atualmente, em Paris.

Nesse cenário, a professora e pesquisadora Laura Barbosa Campos destaca que, assim como Ernaux, Louis também dedicou dois livros às figuras parentais:

¹² Cf. ERNAUX, Annie. *L'Écriture comme un couteau* : Entretien avec Frédéric-Yves Jeannet. Paris: Gallimard, 2003.

¹³ Cf. ERNAUX, Annie. *L'Écriture comme un couteau* : Entretien avec Frédéric-Yves Jeannet. Paris: Gallimard, 2003.

¹⁴ Cf. LOUIS, Édouard; ÉRIBON, Didier *et al.* *Pierre Bourdieu* : L'insoumission en héritage. Paris: PUF, 2013.

em *Qui a tué mon père* (2018) [Quem matou meu pai] ele denuncia a deterioração física de seu pai causada pelas mazelas do mundo social; e em *Combats et Métamorphose d'une femme* (2021) [Combates e metamorfoses de uma mulher] as violências de gênero e de classe vivenciadas pela mãe do escritor ocupam o centro da narrativa. (2022, p. 315)

Em seu livro mais recente, *Changer : méthode* (2021) [Mudar : método], Édouard Louis se debruça, mais uma vez, sobre a sua vida e nos lança outra autobiografia com viés sociológico. Desta vez, o escritor não apenas esmiúça as suas relações sociais e familiares, como também as suas transformações enquanto um jovem trânsfuga de classe. Esse projeto estético, literário e político expõe suas mudanças físicas, psíquicas e sociais engendradas durante o seu processo de fuga do pequeno vilarejo natal do norte da França.

O encontro com Eribon, narrado por Louis, também se mostra outro ponto de inflexão na vida do autor, pois “ao lado de Bourdieu e Annie Ernaux. O remense atua como modelo de escritor capaz de narrar sua mobilidade social, mas também suas experiências homossexuais, perfil com o qual Louis se identifica.” (CAMPOS, 2022, p. 316). Assim, em constante metamorfose, o leitor acompanha a trajetória do autor-narrador-personagem que começa em Hallencourt, passa por Amiens e, finalmente, chega à Paris, onde, com o apoio e inspiração de Didier Eribon e seu namorado Geoffroy de Lagasnerie, torna-se um célebre escritor ao lançar a sua primeira obra literária de caráter autossociobiográfico, *En finir avec Eddy Bellegueule* (2014).

Em entrevista a *O Estado de São Paulo*, falando ainda sobre o seu primeiro projeto literário e as suas modificações, Louis afirma que era uma criança *gay* e que odiava os seus pais por terem vergonha dele. Contudo, descobre a partir da escrita “que toda essa violência vinha de uma história coletiva e de uma realidade maior: da forma como a sociedade exclui as pessoas e cria violência.” (RODRIGUES, 2018). Em seguida, quando questionado a respeito da raiz da violência a que foi submetido e se seria capaz de perdoar, responde: “Quanto mais eu perdoar as pessoas da minha infância, mais eu culpo o sistema e com mais raiva eu fico desse sistema que criou essa situação de pobreza e dominação.” (RODRIGUES, 2018).

É interessante notar a relação que o escritor estabelece entre a literatura, as ciências sociais e a política. Antes de adentrar os objetos de estudo deste trabalho: *O fim*

de *Eddy e História da violência*, destacamos que é de muita relevância, para o leitor deste trabalho, ter em consideração o pensamento de Édouard Louis a respeito de sua compreensão sobre a empatia. Em *Dialogue sur l'art et la politique* (2021) [Diálogo sobre a arte e a política], temos dois célebres artistas de idades e países diferentes, Ken Loach e Édouard Louis, em interação. No livro, os dois discutem o papel da obra de arte, do cinema e da literatura no mundo atual.

Para Édouard (LOUIS; LOACH, 2021, p. 36-37), esse termo – empatia – não o levaria a muitas reflexões, sendo não muito pensado por ele e até mesmo um pouco abstrato. Na verdade, o seu interesse estaria mais voltado ao confronto e à forma como os leitores e as leitoras recepcionam a realidade que lhes é mostrada, como a questão da pobreza, da violência social e do racismo. Para além disso, Louis levanta a questão de como despertar nessas pessoas a vontade de mudar essas situações. E acrescenta que o tempo em que a literatura ou o cinema apresentavam uma realidade que ninguém conhecia estaria praticamente findado.

Dessa forma, destaca que Zola escrevia para mostrar a vida dos trabalhadores na fábrica ou nas minas, bem como Sartre escrevia para dar visibilidade às prostitutas ou aos homossexuais, além de tratar de questões literárias e políticas. Entretanto, considerando o advento das tecnologias, quase tudo seria visível. Assim, para ele, “A questão, portanto, não é mais mostrar, mas sim confrontar”¹⁵ (LOUIS; LOACH, 2021, p. 37, tradução nossa).

Voltemos à entrevista concedida a *O Estado de São Paulo*, na qual a temática da confrontação se faz novamente presente. Ao ser questionado sobre o seu sonho, Louis responde: “Meu sonho é que as pessoas usem o meu livro como uma arma contra a homofobia, a dominação social e a pobreza. E que o usem como uma ferramenta para se reinventarem.” (RODRIGUES, 2018). Isso posto, entendemos que todas essas diretrizes refletem o caminho pelo qual a vida e as escritas de Édouard Louis se entrelaçam e se ressignificam.

Com vieses, notadamente, social e político, as suas narrativas pessoais denunciativas jogam luz sobre a perspectiva de quem vive/viveu à margem da sociedade francesa. Por isso, a investigação a respeito de seus projetos autobiográficos ganha

¹⁵ « La question n'est donc plus de montrer, mais de confronter » (LOUIS; LOACH, 2021, p. 37).

corpo, reforçando a importância de trazer as suas obras para o campo dos estudos acadêmicos a fim de promover discussões e debates acerca do seu fazer literário, fato que o tem tornado um escritor bastante profícuo e de alta relevância na literatura francesa nos dias atuais.

Adentrando na sua obra, o livro que inaugura o percurso literário do escritor francês Edouard Louis, *O fim de Eddy*, tematiza a infância e o meio familiar de um garoto que cresceu envolto em uma comunidade conservadora, machista e homofóbica, no norte da França. De cunho denunciativo, põe à tona os mais variados tipos de violações que o jovem *gay* experiencia no decurso do desenvolvimento de suas necessidades sociais, emocionais e mentais. Dessa forma, a sua escrita nos permite refletir sobre as estruturas subjacentes aos eixos que norteiam a nossa concepção de realidade sociopolítica e sobre a importância da narrativa autobiográfica no âmbito das minorias sociais.

Em *História da violência*, seu segundo livro autobiográfico, Louis também oferece ao seu leitor outra retrospectiva extremamente íntima e delicada de sua vida, convidando-o a conhecer de perto o seu trauma: um estupro sofrido por um homem em seu próprio apartamento. Trata-se de um tema não muito recorrente, mas que, novamente, levantou polêmica e o contrassenso da sociedade civil, da opinião arbitrária de sua família, das pessoas envolvidas no caso e até mesmo das autoridades policiais da França.

Na obra, o autor-narrador-personagem confessa os seus sentimentos de confusão, medo e vulnerabilidade, além de passar por alguns momentos de interpretações invasivas e indevidas dadas pela polícia e por sua irmã, que relata ao seu marido a história de forma distorcida e composta por juízo de valores, sem notar, evidentemente, a presença escondida de Louis que ouvia atentamente o seu discurso. Nesse cenário, as suas escritas consomem o leitor a cada página por tamanha visceralidade e intimidade, o que ao escritor rendeu um processo por atentado à vida privada, interposto pelo próprio estuprador¹⁶.

¹⁶ Há uma batalha judicial em trânsito entre Reda, identificado judicialmente por Riadh B., e Édouard Louis. Acontece que, após o lançamento de *Histoire de la violence*, em 2016, Riadh B. entrou com um processo contra Édouard Louis, pois o seu livro atentava contra a sua vida privada e a sua presunção de inocência. Assim, Riadh B., além de solicitar um encarte nos livros já publicados, quer a modificação, em

Sendo assim, observamos que, de certa forma, a literatura autobiográfica de Édouard Louis contrapõe-se a todas as representações tradicionais de sexualidade, demonstrando que existe uma concepção de identidade sexual em flagrante ruptura com os esquemas binários, os quais, grosso modo, dominaram as narrativas universais da literatura na França e no mundo. Trata-se de escritas vivas e pulsantes que tiram o leitor da sua zona de conforto, fazendo-o refletir sobre as complexas questões sociais que se impõem e se misturam com a vida do autor.

Além disso, para melhor compreender a profundidade do universo autobiográfico de histórias transcritas em narrativas pungentes – que retratam a terrível violência sofrida por jovens homossexuais – de Édouard Louis, faz-se necessário considerar o caráter interdisciplinar que envolve as Escritas de Si.

Porquanto os seus livros são carregados de temas sociológicos, não podemos negligenciar a importância de alguns momentos sócio-históricos – tendo em vista que a sua obra é tributária de movimentos pela liberdade sexual –, como os episódios de *Stonewall Riots*¹⁷, ocorrido no dia 28 de junho de 1969, marcado por uma série de manifestações de membros da comunidade LGBTQIA+ contra uma sociedade estruturada em preconceitos, lançando, posteriormente, as bases dos movimentos pelos direitos LGBTQIA+, nos Estados Unidos e no mundo.

Além das múltiplas questões atinentes à escrita de si, um novo pensar científico emerge, pois o narrador-personagem evoca, em *O fim de Eddy*, tempos em que, entre a fome e a miséria da família, sofria com a descoberta de ser um jovem homossexual, em um vilarejo conservador da França. Desse modo, resta a evidência de que as suas escritas não são compostas somente por relatos de seu passado, mas também por denúncias de uma vida segregada pela pobreza e pelo preconceito.

particular de seu nome próprio, em caso de uma nova edição do livro, bem como 50 mil euros de indenização (L'ECRIVAIN, 2016).

¹⁷ No início da década de 1960, tendo em vista que as relações entre pessoas do mesmo sexo eram consideradas crime em alguns estados do EUA, bem como o uso de vestimentas que não eram “apropriadas ao sexo” por conta da “violação do estatuto de vestuário”, poucos estabelecimentos recebiam pessoas abertamente LGBTQIA+, nessa época. Nesse cenário, por conta de algumas irregularidades do local, na madrugada do dia 28 de junho de 1969, a polícia entrou violentamente no bar Stonewall Inn, localizado no bairro de Greenwich Village, em Manhattan, em Nova York, e agrediu dezenas de frequentadores que lá estavam. Após o ocorrido, diversas manifestações de resistência eclodiram em favor dessas minorias marginalizadas, levando o acontecimento a uma escala mundial. Atualmente, a área é considerada um monumento do ativismo LGBTQIA+ e a data é celebrada todo ano como símbolo de luta por igualdade em todo o mundo, principalmente, no ocidente (ROSSINI, 2019).

Tal universalidade confronta o caráter interdisciplinar do gênero autobiográfico com o desenvolvimento de importantes questões sócio-históricas, balizadas pelas teorizações de Philippe Lejeune e pelas problematizações trazidas à luz pelos Estudos Culturais. Nosso propósito é, assim, instrumentalizar o saber conquistado em prol de uma interlocução com a esfera político-social, à medida que questionaremos interações que se baseiam no poder e na autoridade, em favor de um grupo marginal na cultura francesa e na sociedade ocidental.

Pesquisar, portanto, o universo autobiográfico de Édouard Louis nos permite a propositura de diálogos interdisciplinares, pois ao retratar o espaço íntimo na exterioridade de um livro, o escritor não só causou a fúria de pessoas transfiguradas em personagens literários, bem como trouxe à tona o debate da violência silenciosa, desde a infância, vivida pelas classes mais oprimidas.

2 AS PREMISSAS DO “PACTO” DE LEJEUNE NAS OBRAS ÉDOUARDIANAS

Escrever sobre si é como recompor estilhaços de um espelho quebrado há anos em uma casa. Primeiramente, é preciso recolher todos os fragmentos passíveis de serem reconstituídos, pois algumas partículas podem ter sido perdidas, tornando-se simplesmente irrecuperáveis. Em seguida, impõe-se a árdua tarefa de reorganizar todas as lâminas, com vistas à restauração, mesmo que aproximada, do que se tinha antes. Por fim, tem-se a reunião de todos os fragmentos, que formam um novo objeto: não mais um espelho de superfície uniforme e polida, mas uma espécie de mosaico reconfigurado.

Posto isso, é inevitável não se notar a forma como o novo objeto causa impacto, tanto na percepção dos novos observadores quanto na do próprio restaurador. Antes lisa e resplandecente, a refratada superfície rugosa não é mais capaz de refletir imagens com a aparente perfeição de outrora. O que se tem, mesmo mediante os diversos esforços feitos, é a refração dos fragmentos aglomerados em imagens distorcidas, independentemente do ângulo em que se posicione o observador. Metaforicamente, trata-se de uma tarefa de reconstrução de um objeto que existiu no passado, com os meios de que se dispõe no presente, num resgate análogo ao observado nos processos autobiográficos.

Nesse cenário, nota-se que cada vez mais surgem novos termos que buscam dar conta das autorrepresentações. No fim dos anos 70, a título de exemplo, iniciou-se o uso da expressão “relatos de vida”, e no início dos anos 80, “escritas do eu” ou “escritas de si”. Tais expressões tiveram motivações distintas ao serem criadas, mas o que nos interessará na próxima parte deste trabalho é compreender um pouco do percurso do pacto autobiográfico, formulado por Philippe Lejeune, que sistematiza as proposições que compõem uma autobiografia.

Em função do entendimento da teia do complexo discursivo que dá matéria ao seu gênero literário de eleição, permitindo entender os movimentos do fazer autobiográfico, utilizaremos a coletânea *O Pacto autobiográfico*: de Rousseau à internet, de Philippe Lejeune, que constitui uma chave de leitura adequada e operacional, na abordagem dos elementos de análise que elegeremos, pois a obra reúne ensaios de Lejeune em diferentes épocas, dando conta do dinamismo e das sucessivas

reavaliações de seu “pacto” (em função dos novos aportes que são continuamente trazidos ao cerne do debate).

Adentrando o livro, encontramos diversos textos ensaísticos a respeito da construção do que seriam as escritas do “eu”, propostas segundo os moldes leujenianos. O ensaísta francês carrega consigo mais de 50 anos de reflexão, pesquisa e defesa do gênero, tendo lançado o primeiro livro sobre o tema em 1971, *L'autobiographie en France* [A autobiografia na França]. Nesse contexto, na busca por esclarecimentos sobre as diversas dúvidas e discussões a respeito das definições teóricas que tangem às diferenças entre biografia e autobiografia, bem como entre autobiografia e romance; o ensaísta propõe importantes definições para o que seria uma autobiografia.

2.1 O pacto autobiográfico

O nome de Philippe Lejeune atualmente já se confunde com seu próprio objeto de pesquisa, as Escritas de Si. O teórico defende a ideia de um engajamento do autor em relação à verdade para caracterizar o gênero autobiográfico. Ele desenvolve essa e outras questões desde 1971, em *L'autobiographie en France* [A autobiografia na França] e, sobretudo, em 1975 em *Le pacte Autobiographique* [o pacto autobiográfico]. É Philippe Lejeune quem inaugura a distinção entre a autobiografia e outros gêneros literários, inclusive de suas formas próximas, como, por exemplo, as memórias, os diários ou o romance autobiográfico.

Em *O pacto autobiográfico*, Lejeune afirma que o vocábulo autobiografia foi importado da Inglaterra no início do século XIX e era empregado em dois sentidos. O escolhido por ele foi o proposto pelo dicionário *Larousse*, em 1886: “Vida de um indivíduo escrita por ele próprio”. Lejeune cita também Vapereau¹⁸, que, no *Dictionnaire universel des littératures* (1876) [Dicionário universal de literaturas], define autobiografia como “obra literária, romance, poema, tratado filosófico etc., cujo autor teve a intenção, secreta ou confessa, de contar sua vida, de expor seus pensamentos ou de expressar seus sentimentos.” (LEJEUNE, 2014, p. 62). Lejeune

¹⁸ Louis Gustave Vapereau (1819 - 1906) foi um lexicógrafo francês conhecido sobretudo como o autor do *Dictionnaire universel des contemporains* (1858) [Dicionário universal de contemporâneos] e do *Dictionnaire universel des littératures* (1876) [Dicionário universal de literaturas].

destaca que esse significado dado ao vocábulo denota um novo modo de leitura por ser centrado no leitor, uma vez que é ele quem decide quanto à intenção do autor. Em seguida, Lejeune transcreve um comentário feito pelo próprio Vapereau sobre sua definição, no qual afirma que “A autobiografia abre um grande espaço à fantasia e quem a escreve não é absolutamente obrigado a ser exato quanto aos fatos, como nas Memórias, ou a dizer toda a verdade, como nas confissões.” (LEJEUNE, 2014, p. 63).

Lejeune argumenta que esses dois sentidos dados à palavra autobiografia, o estrito e o amplo, são ainda os dois polos do emprego do vocábulo e que ela possibilita um novo espaço de leitura e de interpretação (2014, p. 63). O teórico opta pelo primeiro sentido, ou seja, considera autobiográfico todo texto regido por um pacto autobiográfico que define da seguinte forma: “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade.” (2014, p. 16).

Outro ponto importante é que Lejeune restringe a sua aceção a uma situação circunscrita no tempo e no espaço: “historicamente, esta definição não pretende cobrir mais que um período de dois séculos (desde 1770) e só diz respeito à literatura europeia.” (2014, p. 16). A partir disso, o ensaísta (2014, p. 16) sugere quatro categorias que devem ser preenchidas por uma obra para que seja considerada uma autobiografia, sendo elas:

1. Forma da linguagem (narrativa, em prosa);
2. Assunto tratado: vida individual, história de uma personalidade;
3. Situação do autor: identidade do autor e do narrador;
4. Posição do narrador: identidade do narrador e do personagem principal e perspectiva retrospectiva da narrativa.

Textos que preencham apenas parte destas categorias não são considerados autobiografias, mas podem ser gêneros vizinhos, como memórias ou biografias. No entanto, para uma obra ser considerada autobiográfica, além de preencher as categorias supracitadas, é preciso que haja também uma relação de identidade nominal entre autor, narrador e personagem principal, situação presente em todos os textos de Louis. Em seu primeiro livro, o nome de batismo está presente no próprio título da obra, o que enfatiza a chave autobiográfica.

Para Lejeune, a identidade onomástica é um critério muito simples “que define, além da autobiografia, todos os outros gêneros da literatura íntima (diário, autorretrato, autoensaio).” (LEJEUNE, 2014, p. 28). Se o critério de identidade não for preenchido, por mais que se tenham razões suficientes para não se duvidar de que a história seja a da vida do autor, a obra não pode ser considerada uma autobiografia de acordo com Lejeune, “já que esta pressupõe, em primeiro lugar, uma *identidade assumida* na enunciação, sendo a *semelhança* produzida pelo enunciado totalmente secundária.” (LEJEUNE, 2014, p. 24, grifos do autor).

Obras sem esse contrato identitário, para o teórico francês, são enquadradas na categoria de romance autobiográfico, cuja definição seria:

textos de ficção em que o leitor pode ter razões de suspeitar, a partir das semelhanças que acredita ver, que haja identidade entre autor e *personagem*, mas que o autor escolheu negar essa identidade ou, pelo menos, não afirmá-la. [...] À diferença da autobiografia, ele [o romance autobiográfico] comporta *graus*. A ‘semelhança’ suposta pelo leitor pode variar de um vago ‘ar de família’ entre o personagem e o autor até uma quase transparência que leva a dizer que aquele é o autor ‘cuspido e escarrado’. [...] Já a autobiografia não comporta graus: é tudo ou nada. (LEJEUNE, 2014, p. 29).

Nesse primeiro momento de seus estudos, Lejeune é bem radical ao definir a autobiografia, mesmo porque se tratava também de um ato político para legitimar um gênero considerado “menor”. Ele cria algumas combinações, articulando a presença ou não da homonímia entre autor, narrador e personagem e o tipo de pacto engendrado: autobiográfico; romanesco ou pacto 0, que se refere à situação em que o autor não firma nenhum dos pactos anteriores e a indeterminação é total.

A importância da identidade entre autor, narrador e personagem vai além do pacto autobiográfico, há também um pacto referencial, pois, textos desta categoria, na concepção de Lejeune, “se propõem a fornecer informações a respeito de uma ‘realidade’ externa ao texto e a se submeter portanto a uma prova de *verificação*.” (2014, p. 43, grifo do autor). Ao mesmo tempo, os textos referenciais, que podem ser submetidos à verificação (podendo, aliás, criar questionamentos éticos e até jurídicos), também dependem do subjetivismo de quem escreve.

Podemos ilustrar essa pretensão de caráter referencial em *História da violência* (2020), por exemplo, quando, ao relatar o estupro ocorrido em seu apartamento, Louis lança mão de diversos detalhes pessoais, geográficos e, inclusive, a respeito das pessoas envolvidas no caso como o de seu agressor, o cabila. Assim, nomeado como Reda no livro, mas identificado nos processos como Riadh B., os dois travam uma batalha no tribunal de Paris desde 2012 – que perdura há quase dez anos –, quando, o então chamado de Eddy Bellegueule apresentou uma queixa por estupro à mão armada e “roubo qualificado”¹⁹. Esse é um dos diversos casos em que podemos destacar na obra de Louis que reforçam a teoria do pacto de referencialidade elaborada por Lejeune.

Lejeune, aliás, conceitua essa relação como um “contrato de leitura”, em que é estabelecida a intenção e o engajamento de falar sobre si mesmo para o leitor, não à maneira totalizadora preconizada por Rousseau²⁰, ao afirmar em *As Confissões*, a sua pretensão de nos apresentar uma “autobiografia verdadeira” e completa de sua vida: “Quero mostrar aos meus semelhantes um homem em toda a verdade de sua natureza, e esse homem serei eu.” (1965, p. 13).

A contrapelo da concepção rousseauiana, a prática autobiográfica do século XXI recusa a ambição totalizadora canônica sem abdicar de um pacto de leitura referencial, na linha proposta por Philippe Lejeune. Em *Le propre de l'écriture de soi* (2007) [A característica da escrita de si], Françoise Simonet-Tenant destaca algumas tendências das Escritas de Si na literatura francesa atual. A autora lembra que, de maneira equivocada, algumas dessas tendências são, com frequência, atribuídas exclusivamente à autoficção (categoria cujas particularidades não busco explorar aqui).

Simonet-Tenant enfatiza, ademais, uma propensão da narrativa autobiográfica a “se miniaturizar” e a mostrar uma preferência pelo fragmento em detrimento da totalidade, concentrando-se em breves momentos determinantes da existência, como a evocação de uma perda, um encontro ou uma separação. Verificamos esse aspecto nos dois livros de Louis aqui analisados: no primeiro livro, o autor-narrador-personagem

¹⁹ Cf. RIADH B., jugé pour agression sexuelle à l'encontre d'Edouard Louis, de nouveau relaxé en appel, *Le Monde*, 07 fev. 2022. Disponível em: https://www.lemonde.fr/societe/article/2022/02/07/riadh-b-juge-pour-agression-sexuelle-d-edouard-louis-de-nouveau-relaxe-en-appel_6112674_3224.html. Acesso em: 25 jun. 2022.

²⁰ Jean Jacques Rousseau (1712-1778) foi um destacado filósofo, teórico político, escritor e compositor autodidata suíço. O também criador do *Contrato Social* teve como objetivo vasculhar as suas memórias e nos lançar o seu projeto pioneiro de produzir um relato total e verdadeiro de sua vida, em seu livro *As Confissões* (1965), isto é, uma autobiografia, no sentido canônico do termo, tornando-se, mais tarde, um paradigma moderno do gênero.

escreve sobre um determinado período de sua vida e, no segundo, sobre um episódio traumático.

No caso de *O fim de Eddy*, temos o foco de sua narrativa autobiográfica centrado na sua passagem da infância até a juventude, em que o autor-narrador-personagem descreve o vilarejo, no qual ele havia nascido, onde as mulheres abandonavam os estudos para trabalharem como caixas e os homens estavam destinados ao trabalho nas fábricas. Além disso, o jovem relata algumas práticas sociais como o consumo de álcool enquanto símbolo de virilidade masculina; a prisão e o vício em drogas de seu primo; a pobreza; o preconceito de sua família e colegas de escola ao lidar com os seus trejeitos femininos e a dificuldade em lidar com a descoberta de sua atração por homens por conta da homofobia. Portanto, o foco de sua primeira obra se dá em um seguimento de sua vida.

Em *História da violência*, temos uma narrativa polifônica de um evento traumático: um estupro. Nesse contexto, Louis é adulto e não mora mais com os pais. Toda a escrita gira em torno da busca pelo entendimento dessa violência ocorrida. Até mesmo situações do passado – como problemas de aceitação de sua homossexualidade por parte de sua família, que explicaria de alguma forma a carência emocional, acarretando a aceitação do convite de um desconhecido para dormir em seu apartamento – são evocadas para a compreensão daquele episódio que o marcara para sempre. Há, nesse sentido, uma arqueologia da violência de um momento de sua vida, retratado em uma narrativa autobiográfica episódica.

Além da presença do pacto autobiográfico em suas duas obras, de forma explícita, destacamos o impacto que o caráter referencial de suas escritas causa às pessoas. No que diz respeito a *O fim de Eddy*, poderemos ver algumas dessas reações descritas por Édouard em uma entrevista concedida diretamente a *O Estado de São Paulo* via telefone:

Minha mãe reagiu muito mal porque não queria que eu tivesse dito que éramos pobres. Outras pessoas reagiram mal porque toda essa violência era tão banal que as pessoas nem a percebiam mais – e não se reconheceram. Meu pai reagiu bem, e voltamos a nos falar depois de um silêncio de 5 anos. Mas a maioria das pessoas foi hostil na cidade porque eles têm vergonha. Minha mãe é pobre, a mãe dela era pobre. No começo, essa violência da pobreza parece normal. Você não chama isso de violência. Você chama isso

de vida. Com o livro, as pessoas foram confrontadas com essa realidade. (RODRIGUES, 2018)

Lejeune pondera também que o problema não é saber qual, a autobiografia ou o romance, é mais verdadeiro, mas “um *em relação* ao outro. O que é revelador é o espaço no qual se inscrevem as duas categorias de textos, que não pode ser reduzido a nenhuma delas.” (LEJEUNE, 2014, p. 51, grifo do autor). É o pacto que determina a modalidade de leitura. Quando o autor induz o leitor a ler romances como textos referenciais, ele estabelece uma forma indireta de pacto que Lejeune denomina de “pacto fantasmático”, pois remete a “*fantasmas* reveladores de um indivíduo” (2014, p. 50, grifo do autor) e forja um novo campo que o autor chama de “espaço autobiográfico”. O próprio Lejeune afirma que o que ele chama de autobiografia pode pertencer a dois sistemas diferentes: um referencial e outro literário. No primeiro, o compromisso autobiográfico é um ato, já no segundo, não existe pretensão à transparência.

Por isso, considerar as obras de Édouard Louis como autobiografias – e não como romances pessoais – ganha vigor no sentido que seus relatos pessoais, atravessados por questões de cunho social, presentes em sua escrita visceral, dão voz às minorias sociais – nas quais o escritor se inclui – historicamente silenciadas por grupos privilegiados em espaços de debate público. Caminhando, assim, na trilha da lógica do pensamento feminista segundo a qual o “pessoal também é político”²¹, é que desenvolveremos diálogos entre as duas obras édouardianas, levando em conta os seus aspectos autossociobiográficos.

²¹ O “Pessoal é Político” (também conhecido como “O privado é político”) foi um *slogan* oriundo de movimentos estudantis da segunda onda do feminismo, no final dos anos 1960. Nesse cenário, a frase de efeito buscava articular a experiência pessoal com as estruturas sociopolíticas vigentes daquela época. Há também um ensaio muito conhecido, lançado em 1970, da jornalista e também feminista Carol Hanisch, intitulado de “The Personal is Political” [O Pessoal é político]. Atualmente, o conceito tem se difundido cada vez mais, sendo ainda utilizado por grupos feministas, artistas mulheres, entre outros.

2.2 A autobiografia e o lugar de fala édouardiano

Outro ponto importante é a relação da autobiografia com o “lugar de fala”²². Nesse sentido, as chamadas pautas identitárias, tais como as que concernem aos povos pretos, à etnia, ao sexo, à identidade de gênero, à orientação sexual, entre outros, reivindicam a sua autenticidade artística. Essa referencialidade tem como objetivo oferecer espaço a sujeitos cujos pensamentos foram marginalizados historicamente.

E é esse tipo de busca que o leitor tende a implementar, na atualidade, e do qual nos ocuparemos: fatos relevantes para o autor-narrador-personagem que evidenciem a sua verdade, atestando um cunho também sociológico e político à sua autobiografia, tendo em vista que esse gênero literário pode se “submeter [...] a uma prova de verificação.” (LEJEUNE, 2014, p. 43, grifo do autor).

Consideramos, portanto, que um investimento maior no romance ficcional do que no autobiográfico tenderia a obliterar a literatura de Édouard Louis enquanto *locus* privilegiado de luta política identitária²³, objeto central de nossas perquirições. A luta pessoal nos garante, assim, um posicionamento político coeso nos acirrados debates das pautas sociais, elemento que, de fato, desejamos enfatizar na literatura édouardiana.

Nesse contexto, o caráter bárbaro, – profundo, perigoso e até mesmo criminoso – expresso pelo protagonista em seus relatos, delineia os caminhos que percorre esta pesquisa pelo viés de uma problematização da autobiografia, não concebida como romance, biografia, tampouco como literatura menor, mas como um gênero literário

²² Para Djamila Ribeiro (2017, p. 58), não haveria uma epistemologia determinada sobre o termo “lugar de fala”. Entretanto, acredita-se que o conceito tenha surgido a partir da tradição de discussão sobre *feminist stand point*, isto é, o “ponto de vista feminista”. Nessa perspectiva, o termo tem se popularizado e se alargado nos debates públicos nos últimos anos em contraponto à hegemonia das estruturas de poder na sociedade, por isso – continua Ribeiro – “Pensar lugar de fala seria romper com o silêncio instituído para quem foi subalternizado, um movimento no sentido de romper com a hierarquia, muito bem classificada por Derrida como violenta.” (2017, p. 90). No caso dos grupos LGBTQIA+, o “lugar de fala” se constitui por meio de experiências compartilhadas que legitimam sexualidades e identidades, reconhecendo experiências distintas.

²³ Tendo em vista as inúmeras dificuldades que as minorias sociais enfrentam, as políticas identitárias buscam mobilizar a sociedade civil, os agentes públicos e privados a fim de que esses grupos tenham as suas demandas atendidas e ganhem visibilidade social. No caso de Louis, podemos ver que as suas obras, *O fim de Eddy* e *História da violência*, dão destaque/visibilidade para questões como a homoafetividade, a pobreza e o racismo. Vale lembrar, ainda, que o conceito de minoria social está voltado ao poder de decisão e participação política desses grupos na sociedade, não considerando, necessariamente, os termos quantitativos.

retrospectivo, autônomo, capaz de permitir a reconstituição do sujeito fraturado pelo viés da autorreferencialidade, da denúncia e também pela representatividade social²⁴.

A demanda por autonomia não é ingênua, pois se sabe que o reconhecimento e a maneira como se pensa a autobiografia no mundo atual é bastante distinta das considerações feitas pelas literaturas pessoais praticadas antes do século XVIII. A autobiografia apresenta-se, portanto, como um gênero com características próprias e reivindicações no campo literário e cultural, tendo adquirido vigor e vitalidade junto aos demais cânones da literatura, especialmente a partir das contribuições de Lejeune.

As urgências de independência e legitimidade, nessa investigação, não se restringem à autobiografia. A temática da homossexualidade também reivindica seu espaço na literatura, do mesmo modo que a liberdade sexual, sempre ameaçada, luta pelo seu lugar na sociedade. Vale ressaltar que, ainda no ano de 2021 – apesar dos muitos avanços havidos, principalmente, no mundo ocidental – os aspectos homoafetivos são desqualificados, repudiados, violados, desrespeitados e até mesmo sujeitos à pena de morte, em determinados países.

No que concerne à história mundial, observa-se que as crises políticas, financeiras e religiosas têm levado ao recuo em décadas de direitos adquiridos por grupos oprimidos, como se verifica na Revolução Iraniana²⁵, que passou a submeter as mulheres à vontade dos homens ou, no caso de Brunei²⁶, que mediante uma reforma legislativa do Código Penal, instaurou a punição com apedrejamento em face da prática da homossexualidade.

Diante dessas inumanidades institucionalizadas, a literatura de Édouard Louis revela-se uma pequena peça deflagradora de contestações visando às grandes instituições de dominação que regulamentam as relações sociais “aceitáveis”, tais quais a família tradicional, o estado, a religião e a cultura midiática que as prescrevem. Esta

²⁴ Segundo Djamila Ribeiro (2017, p. 75), “Os saberes produzidos pelos indivíduos de grupos historicamente discriminados, para além de serem contra discursos importantes, são lugares de potência e configuração do mundo por outros olhares e geografias.” Dessa forma, a presença de representatividade e de “lugares de fala” em esferas de poder viabiliza as urgências sociais demandadas por esses grupos, bem como faz Édouard Louis ao protagonizar e representar, em seus livros, sua luta pessoal e social.

²⁵ Cf. A vida das mulheres no Irã antes e depois da Revolução Islâmica. **BBC News**, 5 mar. de 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-47174927>. Acesso em: 12 jun. 2022.

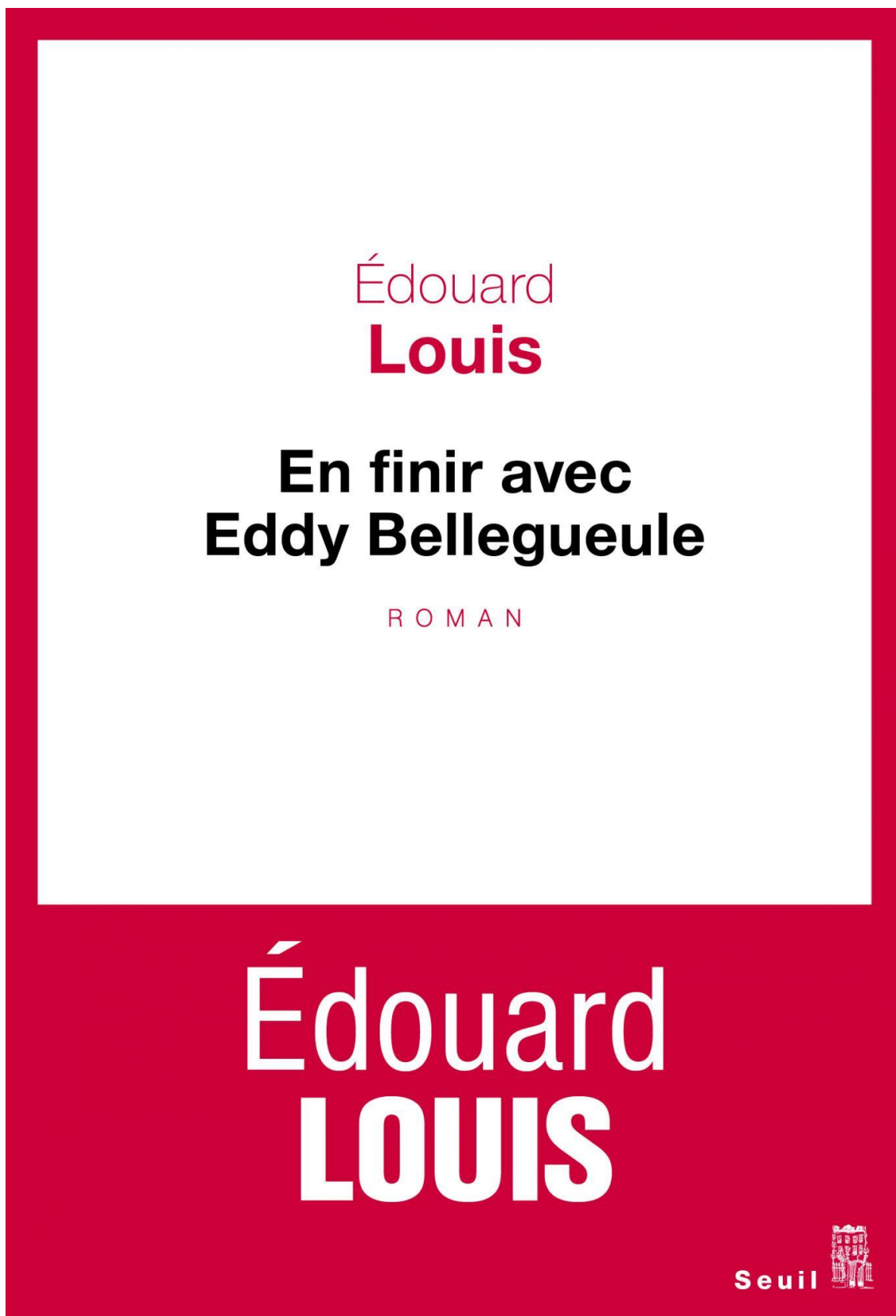
²⁶ Cf. BRUNEI, o país onde gays agora podem ser apedrejados até a morte. **BBC News**, 3 abr. de 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/04/03/brunei-o-pais-onde-gays-agora-podem-ser-apedrejados-ate-a-morte.ghtml>. Acesso em: 12 jun. 2022.

dissertação tem por objetivo, portanto, analisar como as narrativas de Édouard Louis – compreendidas na qualidade de uma tipificação da Escrita de Si – assumem um contorno social, com forte viés político, nas trajetórias pessoais do protagonista.

Em razão do exposto nessa seção, nossas reflexões serão balizadas pelos pensamentos teóricos desenvolvidos com apoio em Lejeune, na vertente autobiográfica, e sobretudo em Judith Butler, nos Estudos Culturais. Isso é, para maior coerência representativa, política e estética, limitamo-nos, neste estudo, a analisar a maneira como o escritor Édouard Louis expõe os problemas urgentes e graves de ordem pessoal e social pelo viés da fatura autobiográfica, para melhor refletirmos sobre as temáticas sociopolíticas e identitárias, vocalizadas na perspectiva do autor-narrador-personagem.

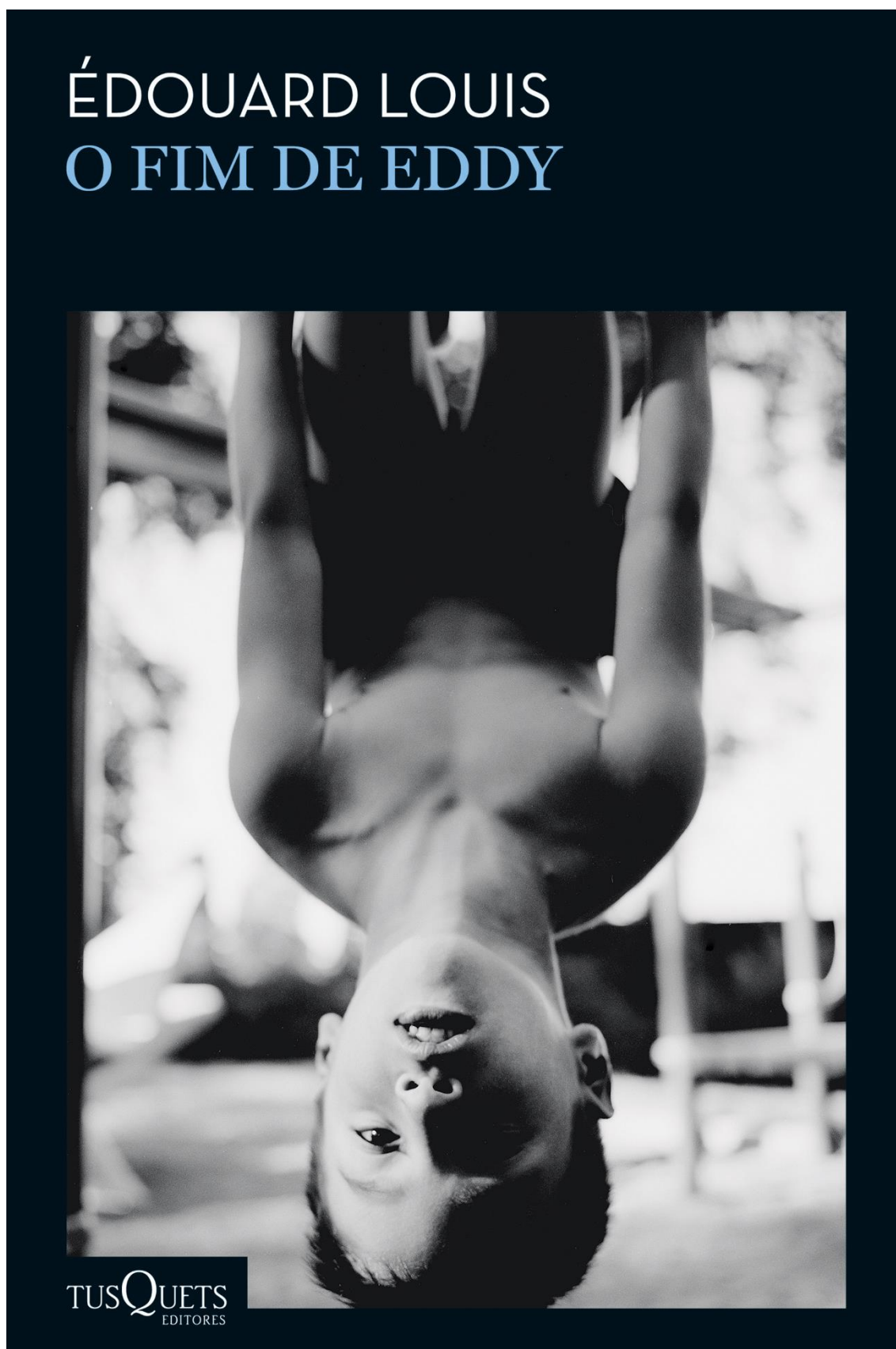
3 O UNIVERSO ESTÉTICO DE ÉDOUARD LOUIS

Figura 2 – *En finir avec Eddy Bellegueule*, edição francesa.



Fonte: SEUIL, 2014.

Figura 3 – *O fim de Eddy*, edição brasileira.



Fonte: PLANETADELIVROS, 2018.

Em sua primeira obra autobiográfica, *En finir avec Eddy Bellegueule*, de 2014 – trazida e traduzida mais tarde, em 2018, no Brasil, como *O fim de Eddy* – Louis escreve de maneira crua, dura e, por vezes, chocante. Sem receio, o autor-narrador-personagem expõe a nudez de seus medos, traumas, violações passadas em sua vida, sofridas em sua pele, denunciando a violência vigente da homofobia na sociedade e, sobretudo, em seu ambiente familiar. Logo em seu primeiro parágrafo, nos confessa:

De minha infância não guardo nenhuma lembrança feliz. Com isso não quero dizer que eu nunca tenha, durante aqueles anos, experimentado um sentimento de felicidade ou alegria. Mas o sofrimento é simplesmente totalitário: ele faz com que tudo que não se enquadra no seu sistema desapareça. (LOUIS, 2018, p. 13)

É nesse contexto de exposição da vida particular que sua obra não só consegue atrair a atenção da mídia como também populariza o nome do escritor pela forma com que seus leitores recebem a sua escrita visceral, política e impactante. Desse modo, com apenas 21 anos, tem a sua obra de estreia tornada *best seller*, contando com mais de 300 mil exemplares vendidos, apenas na França. Além de ter sido traduzida para inúmeras línguas, inclusive para o português, foi também adaptada para o teatro.

A partir, então, dessa contextualização e do traçado teórico inicial, podemos encetar o processo de reconstrução da trajetória de Édouard Louis, duramente impactada pela dor e pelo preconceito reinantes numa sociedade francesa obscurantista. Desse modo, revisitando o porão de suas memórias, em *O fim de Eddy*, o autor-narrador-personagem entrega ao seu leitor a nudez de uma vida segregada pelo sofrimento e pela homofobia.

No vilarejo não bastava ser um durão, era preciso também saber fazer de seus filhos durões. Um pai reforçava sua identidade masculina por meio de seus filhos, aos quais ele devia transmitir seus valores viris, e meu pai o faria, ele faria de mim um durão, era seu orgulho masculino que estava em jogo. (LOUIS, 2018, p. 22)

Valendo-se de suas memórias, Louis reconstrói o ambiente de sua infância, no qual ainda se perpetuavam valores machistas, conservadores e opressores. Indubitavelmente, essa reunião de preceitos políticos e socioculturais atravessava a sua

trajetória enquanto jovem *gay*, pois a naturalidade de seu comportamento, entrava, desde cedo, em conflito com os padrões estabelecidos no pequeno vilarejo do norte da França.

Eu logo destruí as esperanças e os sonhos do meu pai. O problema foi diagnosticado já nos meus primeiros meses de vida. Parece que eu nasci assim, ninguém jamais entendeu a origem, a gênese, de onde vinha essa força desconhecida que se apossou de mim desde o meu nascimento, fazendo-me prisioneiro de meu próprio corpo. Assim que comecei a me expressar, a entrar na linguagem, minha voz espontaneamente adquiriu entonação feminina. Ela era mais aguda do que a dos outros garotos. A cada vez que eu falava, minhas mãos se agitavam freneticamente, em todos os sentidos, se retorciam, revolviam o ar. (LOUIS, 2018, p. 23)

Ainda muito jovem, sem entender o processo de sua formação identitária, a repressão entranhada nas estruturas sociais e culturais vigentes naquela pequena região era implacável com Eddy Bellegueule. Não havia espaço para as diferenças, nem para o diferente. Por conseguinte, aqueles que se opunham às tradições, não respeitando – mesmo que de forma inconsciente – os preceitos morais, sociais, políticos e comportamentais estavam fadados à perseguição.

Meus pais chamavam isso de *ares*, me diziam, *pare com esses seus ares*. Eles se perguntavam *por que Eddy se comporta como uma mocinha?* Eles me admoestavam: *Para quieto, você não consegue parar de se mexer, feito uma mulher doida*. Eles pensavam que eu tinha escolhido ser afeminado, como uma estética própria que eu tivesse perseguido a fim de desagradá-los. (LOUIS, 2018, p. 23, grifos do autor)

Nesse trecho, é possível identificar o confronto advindo da fala do autor-narrador-personagem do presente, que resgata as memórias juvenis do pequeno Eddy, ainda sem a consciência dos regramentos heteronormativos²⁷ vigentes no vilarejo. Na verdade, a censura e a repressão não eram reproduzidas apenas na conjuntura social de sua vizinhança, mas também em toda a sua família. Por conseguinte, as pessoas

²⁷ A heteronormatividade é um conceito advindo da Teoria *Queer*, originada a partir dos Estudos Culturais norte-americanos. Assim, segundo Miskolci (2009, p. 156-157), “a heteronormatividade é um conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle, até mesmo [d]aqueles que não se relacionam com pessoas do sexo oposto.” e tem por objetivo “formar todos para serem heterossexuais ou organizarem suas vidas a partir do modelo supostamente coerente, superior e ‘natural’ da heterossexualidade.”

apresentavam rapidamente soluções para consertar aquilo que não precisava de conserto, apenas de compreensão e apoio.

Nesse cenário, devido às negligências seculares para com as vulnerabilidades históricas, sociais e políticas da população LGBTQIA+, no mundo ocidental, evidenciava-se, na narrativa de Édouard Louis, o enraizamento das bases da homofobia, que acometia a sociedade francesa. À vista disso, o comportamento de Eddy e seus trejeitos se defrontavam com o modelo heteronormativo hegemônico, contrapondo-se às representações binárias tradicionais das sexualidades humanas. Portanto, ser *gay* era/é um ato de guerra, de transgressão, de revolução e de luta constante pela sua sobrevivência.

No entanto eu mesmo ignorava as causas daquilo que eu era. Eu era dominado, subjugado por esses trejeitos e não escolhia usar aquela voz aguda. Eu não escolhia nem meu caminhar, o balançar dos quadris da direita para a esquerda quando eu me movia, de forma pronunciada, muito pronunciada, nem os gritos estridentes que escapavam do meu corpo, gritos que eu não dava mas que literalmente escapavam pela minha garganta a cada vez que eu sentia surpresa, alegria ou medo. (LOUIS, 2018, p. 23-24)

Em um mundo constituído por masculinidades e feminilidades, a padronização social condenava-o à internalização e ao ocultamento de seu comportamento divergente. Sendo assim, ao entender que a sua condição era marginalizada pela sociedade e que gerava, inevitavelmente, conflitos com as regras estabelecidas e admitidas por um ambiente discriminatório, restava, então, ao jovem Eddy, a solidão:

Eu encontrara refúgio no corredor que levava à biblioteca, deserto, e fui me abrigar ali mais e mais vezes, e depois todos os dias, sem exceção. Por medo de ser visto ali, sozinho, esperando o fim do intervalo, eu tomava sempre o cuidado de mexer na minha pasta quando alguém passava, para parecer que eu estava procurando alguma coisa, para que achassem que eu estava ocupado e que minha presença naquele lugar não estava destinada a ser longa. (LOUIS, 2018, p. 31)

Em seu conceito de *precariedade* como condição ontológica elementar ao ser humano, Judith Butler, filósofa norte-americana, aponta que as vidas humanas estão interligadas. Desse modo, como uma espécie de célula viva, unidade orgânica estrutural

e funcional, a sociedade estaria constantemente dependendo de si mesma para a preservação e a conservação de seus próprios elementos. Nesse sentido:

A precariedade implica viver socialmente, isto é, o fato de que a vida de alguém está sempre, de alguma forma, nas mãos do outro. Isso implica estarmos expostos não somente àqueles que conhecemos, mas também àqueles que não conhecemos, isto é, dependemos das pessoas que conhecemos, das que conhecemos superficialmente e das que desconhecemos totalmente. Reciprocamente, isso significa que nos são impingidas a exposição e a dependência dos outros, que, em sua maioria, permanecem anônimos. (BUTLER, 2015, p. 31)

Se a condição humana é marcada pela *precariedade*, isto é, segundo a perspectiva da autora, por uma rede de interdependência e compartilhamento social, caberia o questionamento do porquê algumas vidas ainda serem passíveis de luto e outras não. Este tipo de problema é perceptível na seletividade da comoção humana: vemos, a título de exemplo, tragédias no continente africano sendo ignoradas há séculos enquanto que em países ricos há sentimento de luto e mobilização social quando sofrem por algum tipo de fatalidade, mesmo em menor escala.

Nesse cenário, para Butler, “há ‘sujeitos’ que não são exatamente reconhecíveis como sujeitos e há ‘vidas’ que dificilmente – ou, melhor dizendo, nunca – são reconhecidas como vidas.” (2015, p. 17). De certo modo, se a *precariedade* impõe ao ser humano coexistir em um sistema comunitário, o problema estaria, então, na seleção das vidas que têm o privilégio de viver, ao passo que outras não.

Essas disparidades provocam efeitos devastadores nas pessoas que ocupam as beiras ou se situam às margens do contexto civilizatório: os indivíduos subsistem sem desfrutar de oportunidades básicas e vitais de sobrevivência. À vista disso, se as vidas marginalizadas não têm nem mesmo o direito ao luto, as suas existências tornam-se ínfimas ou são tomadas como divergentes, sendo suscetíveis a correções e, inclusive, a eliminações. É o que ocorre com os grupos LGBTQIA+: alguns são heteronormatizados, outros, eliminados, à medida que não conseguem aderir à homogeneização preconizada pelo sistema hierárquico de repressão sexual.

De fato, em pleno século XXI, a sexualidade ainda é tratada como tabu. Verifica-se, claramente, uma censura dos aspectos singulares, gestuais e linguísticos

presente na obra de Édouard Louis, em que o autor-narrador-personagem, ainda em sua infância, se considerava indigno de pertencer à própria família.

À medida que eu crescia, sentia o olhar de meu pai pesar cada vez mais sobre mim, o horror que subia dentro dele, sua impotência diante do monstro que ele havia criado e que, a cada dia, confirmava um pouco mais sua anomalia. Minha mãe parecia aquém da situação e logo se deu por vencida. Eu muitas vezes pensei que um dia ela iria embora deixando apenas um bilhete sobre a mesa no qual explicaria que ela não aguentava mais, que ela não tinha pedido por isso, um filho como eu, que ela não tinha como viver aquela vida e reclamava seu direito ao abandono. Outros dias, eu pensava que meus pais me levariam até a beira de uma estrada ou o meio de um bosque e lá me deixariam, sozinho, como se faz com os animais (eu sabia que eles não fariam isso, isso não seria possível, eles não chegariam a tal ponto; mas eu pensava). (LOUIS, 2018, p. 25)

Para o pequeno Eddy, a sensação era de que a sua vida não valia a pena. Nos conflitos de valores morais aprendidos em sua infância e na descoberta de sua sexualidade, o que prevalecia era a repressão sexual defendida e vociferada em seu ambiente sociofamiliar. O desvio da hegemonia heteronormativa afetava negativamente os seus sentimentos, os seus pensamentos e as suas atitudes. Dentro desse quadro angustiante, sem apoio e sem poder contar com o respeito familiar para garantir as bases do seu desenvolvimento físico, intelectual e psicossocial – enquanto jovem –, Eddy se sentia culpado em relação aos valores morais de seus pais aos quais lhe era impossível corresponder.

Em diversas passagens do livro, constata-se que, em momentos de introspecção, emergem reflexões do autor-narrador-personagem em relação ao terrível impacto da homofobia em sua juventude. A verdade é que as consequências psicológicas causadas pela discriminação pulverizam sonhos, sacrificam vidas, subtraem o direito à segurança, à integridade moral e física; fazendo com que as necessidades mais elementares se convertam em lutas diárias e incessantes.

As palavras *afeitado*, *afeminado* ressoavam permanentemente ao meu redor na boca dos adultos: não só no colégio, não só vindas dos dois garotos. Elas eram como lâminas de gilete; quando eu as escutava, me cortavam por horas, dias, eu as retomava, eu as repetia para mim mesmo. Eu repetia para mim mesmo que eles tinham razão. Eu tinha esperança de mudar. Mas meu corpo não me obedecia, e as ofensas recomeçavam. Os adultos do vilarejo me

tachavam de *afetado*, *afeminado*, e nem sempre o diziam como insulto, com a entonação que o caracteriza. Eles as diziam às vezes com espanto *Por que ele escolhe falar e se comportar como uma mocinha se ele é um garoto? É estranho o seu filho, Brigitte (minha mãe), se comportar assim*. Esse espanto me fechava a garganta e me dava um nó no estômago. A mim também perguntavam *Por que você fala assim?* Eu fingia não compreender, uma vez mais ficava em silêncio – em seguida vinha a vontade de gritar sem conseguir fazê-lo, o grito como um corpo estranho e ardente preso no meu esôfago. (LOUIS, 2018, p. 67-68, grifos do autor)

Em *O fim de Eddy*, evidencia-se que ser *gay* é um ato de coragem, força e, sobretudo, resistência. Não há trégua: o preconceito transforma o medo e a dor em agentes mantenedores de um terrorismo constante. Nesse sentido, cada passo ou apenas gestos convertem-se em causa de repúdio infligido pelo olhar do outro. Nesse cenário adverso, viver significava suportar um terrível fardo, padecer uma lancinante angústia encontrando-se exposto ao inclemente sentimento de culpa, de dor e de tristeza.

Mesmo diante de incontáveis agressões físicas e psicológicas, o autor-narrador-personagem refletia: “Eu pensava que acabaria me acostumando com a dor. Em certo sentido, os homens se acostumam com a dor, como os operários com as dores nas costas. Às vezes, é verdade, a dor retoma a dianteira. Não é bem que eles se acostumem, eles se ajeitam, aprendem a escondê-la.” (LOUIS, 2018, p. 33). Nesse cenário, Eddy associava a sua dor emocional – a que sofria com a homofobia – com a violência da exploração da classe operária de seu pequeno vilarejo.

Nesse quadro tenebroso, a aceitação da vida dupla se torna um subterfúgio, quase que, inerente à realidade do mundo *gay*, sem deixar de ser uma estratégia de sobrevivência. É a forma mais segura de se manter protegido em ambientes tóxicos e, ao mesmo tempo, de não ceder à pasteurização preconizada pela doxa. Entretanto, muitos *gays* acabam desenvolvendo transtornos psicológicos devido à duplicidade imposta.

Além disso, num determinado momento da vida, a máscara da dissimulação cola-se ao rosto do ator que não consegue mais separar o comportamento heteronormativo de sua intimidade, eclodindo, assim, uma profunda crise de identidade, a ponto de não ser mais possível dissociar o “eu” heteronormativo do “eu” verdadeiro. Em outro trecho, o autor-narrador-personagem conta:

É você o veado?

Quando a pronunciaram eles a inscreveram em mim para sempre, como um estigma, aquelas marcas que os gregos infligiam a ferro em brasa ou a faca no corpo dos indivíduos desviantes, perigosos para a comunidade. E percebi a impossibilidade de me desfazer desse estigma. Foi a surpresa que me atravessou, mesmo que aquela não fosse a primeira vez que me diziam algo semelhante. A gente nunca se acostuma às ofensas. (LOUIS, 2018, p. 15, grifo do autor)

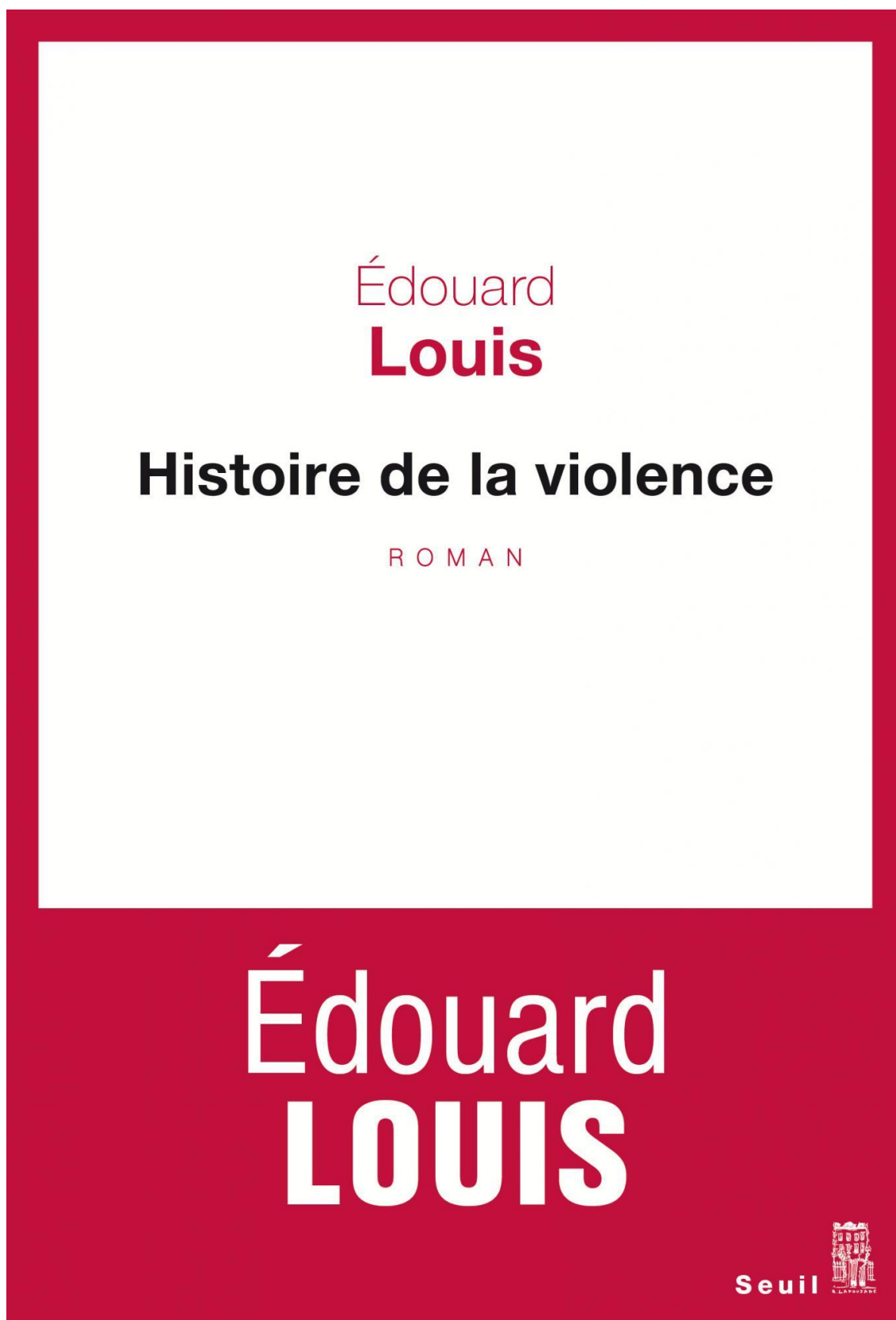
De fato, Eddy estava correto em suas considerações. O sofrimento não desaparece. Para *gays*, o mundo heteronormativo é sempre um lugar hostil. Aprende-se, assim, que, desde cedo, o perigo é ao mesmo tempo latente e iminente. Por isso, a saúde psicológica é uma das principais batalhas que a vítima *gay* é forçada a vencer, pois há risco de o indivíduo ceifar a própria vida. Dessa maneira, o caráter gratuito e homofóbico das agressões sofridas espelha a violência enraizada, naturalizada, banalizada e legitimada pela sociedade francesa e pelo estado.

Assim, revisitando o seu passado, expondo cicatrizes familiares e sociais, por meio da consciência do embate das relações dos opressores para com os oprimidos, na sociedade francesa, Louis faz da literatura o seu principal móvel de luta contra as estruturas de opressão institucionalmente enraizadas em seu país. Dessa forma, o jovem francês joga luz sobre as violências cotidianas, que parecem estar resolvidas no espectro social, mas que ainda implicam pequenos passos na luta contra o preconceito.

O aspecto político permeia abundantemente as duas obras de nosso autor. Nesse sentido, é a sua sensibilidade transpessoal, apta a trazer à tona desde pequenas violações cotidianas – que ferem os direitos das minorias excluídas – até questões mais complexas – que, contudo, muitas vezes se encontram normalizadas e entranhadas nas relações pessoais – que aglutina os campos da literatura e da resistência-luta.

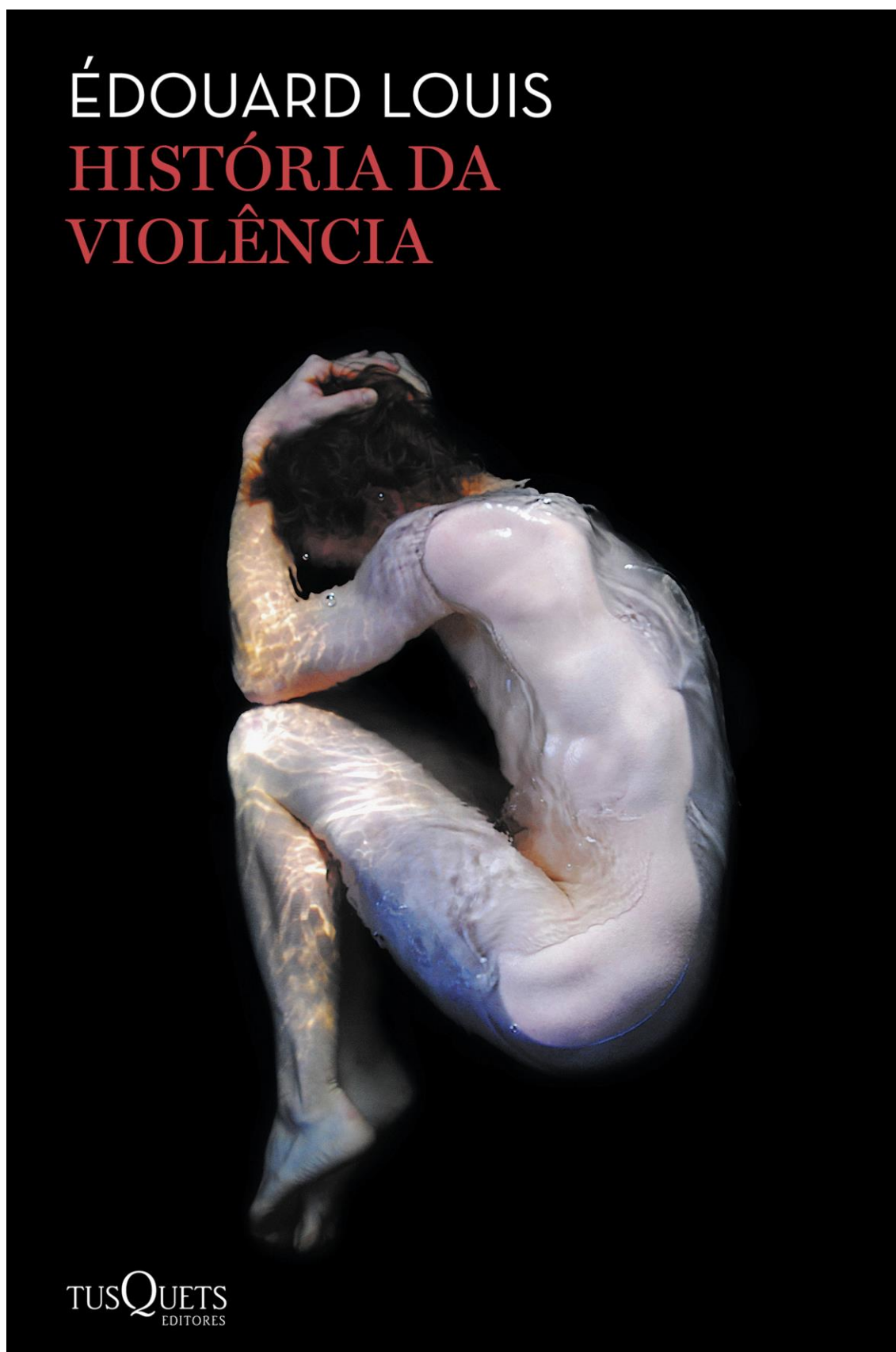
Na verdade, em entrevista com Julien Rousset e os estudantes de Sciences Po Bordeaux, o autor afirma que para ele “a autobiografia é uma técnica: estética, literária e política de se confrontar com o mundo.”²⁸ Assim, percebemos que existe um projeto literário autobiográfico e político em Édouard Louis a fim de promover denúncias pelo viés de suas narrativas pessoais e seu arguto olhar crítico social.

²⁸ Cf. LOUIS, Édouard. **Edouard Louis - Changer : méthode**. Youtube, 11 de fev. de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xp6ELY0vGrQ>. Acesso em: 18 de jun. de 2022.

Figura 4 - *Histoire de la violence*, edição francesa.

Fonte: SEUIL, 2016.

Figura 5 – *História da violência*, edição brasileira.



Fonte: PLANETADELIVROS, 2020.

Conforme atesta o seu segundo livro, também de cunho autobiográfico, intitulado *Histoire de la violence*, publicado em 2016 na França e em 2020, no Brasil, em tradução literal, *História da violência*, o próprio título é explicativo: há, nesse sentido, uma ideia de “arqueologia da violência” do mundo social. Nesse caminho, mais maduro, Louis faz de seu leitor testemunha de violações sofridas em uma noite de natal. Desta vez, além de seguir a mesma linha de sua obra de estreia, o autor-narrador-personagem nos entrega o triste relato de ter sido estuprado e quase morto, em sua casa, por um rapaz que havia conhecido e por quem se encantara, no dia 24 de dezembro de 2012.

Suprimindo o próprio nome – estratégia anunciada desde o título de sua primeira obra, *En finir avec Eddy Bellegueule* – forma de sepultamento simbólico de tudo o que o afligira em seu passado, em *Histoire de la violence*, Édouard Louis denuncia ao mundo uma França, até então, desconhecida. Na verdade, ligadas, quase que umbilicalmente, as duas autobiografias constituem um retrato em preto e branco de uma sociedade que, dissimulada sob históricas e atávicas molduras democráticas, revelam o seu ressentimento e o seu lado mais sombrio para com as minorias, expressando uma não aceitação da alteridade e da lógica da diferença.

Diferentemente de *O fim de Eddy*, em *História da violência*, Édouard Louis nos apresenta uma narrativa muito mais complexa e fragmentada, na qual feridas que pareciam ter sido cicatrizadas, em sua autobiografia anterior, ressurgem fantasmagorizando o presente.

Cumpramos observar o liame que explicita uma continuidade entre as duas obras. Aqueles que tiveram contato com o seu primeiro livro percebem facilmente que a *História da violência* não só remete a fatos ocorridos em seu passado, quando Édouard Louis ainda respondia pelo nome de Eddy Bellegueule, como também revisita diversos espaços físicos anteriormente retratados e marcados por eventos eivados de emoção do nosso narrador em primeira pessoa. Materializa-se, portanto, nesta obra, o poder plenipotenciário da violência, que, subjugando mente e corpo, cristaliza-se na personalidade do oprimido. Vemos isso claramente na trãnsfuga de nosso personagem de um pequeno vilarejo para a cidade mais desejada do mundo, Paris, que o autor nos apresenta durante o seu processo de deslocamento geográfico, social e também de luta em favor da liberdade sexual.

Por isso, violências e traumas representam duas faces da mesma moeda. Existem sempre os pós, que insistem em permanecer, mesmo após longos anos de afastamento dos eventos ocorridos. É, nessa conjuntura, que a *História da violência* nos conta que na noite do dia 24 de dezembro de 2012, véspera de Natal, após voltar de uma saída com os amigos, Édouard deparou-se com um jovem cabila que o seguia, buscando despertar a qualquer custo a sua atenção:

De repente ouvi um barulho às minhas costas.

Mas não reagi. Continuei andando. E não me virei. Não é que eu decida não me virar, mas não o faço. A cadência dos ruídos detrás de mim se torna mais cerrada, mais próxima, mais rápida, eu tinha plena consciência da aproximação dos ruídos, mas não os considerei um fenômeno que me dissesse respeito, e só quando ele atingiu a altura em que eu estava, percebi que eram seus passos que se aproximavam, aceleravam, corriam em minha direção. Ele disse sua primeira frase:

‘Tudo bem? Você não festeja o Natal?’

Reda sorria. Ele tinha se detido à minha direita e andava, sem fôlego. (LOUIS, 2020, p. 40)

À noite, na Place de la République em obras, sozinho, Édouard caminhava. Até o momento, não havia motivo concreto para dar atenção ao insistente rapaz. Entretanto, o autor-narrador-personagem sabia muito bem que as investidas do misterioso cabila obteriam sucesso.

Mas eu tinha decidido voltar e dormir, apesar da beleza, apesar da respiração dele. Eu me concentrava nos livros que trazia na mão direita como forma de resistir. Sabia que não ia conseguir por muito tempo. Foi assim ao longo de alguns metros, consegui ignorá-lo, mas depois meu ombro raspou no dele, seus passos salpicavam minha calça com a lama cinza; e eu não dizia nada [...]. Ele me perguntou:

‘Então você não quer falar comigo?’ (LOUIS, 2020, p. 40-41)

Numa circunstância tão atípica, o autor-narrador-personagem e, mesmo o leitor, buscam a compreensão daquela situação que se iniciara de forma tão esporádica e culminara em um desfecho trágico. O que levava Louis a deixá-lo insistir? Seu sorriso? Sua simpatia? A sua solidão em meio ao belo cenário natalino que pudesse, talvez, ser

compensada por um flerte? Mas o fato foi que, após várias investidas, Édouard se rendia e aceitava o diálogo com o jovem Reda, pelas ruas frias de Paris:

Eu persistia em dizer não e ele continuava a andar do meu lado, sem parar de sorrir, sem perder sua energia ou sua vontade; talvez ele tivesse pinçado a brecha na minha voz e no meu olhar fugidio, aquele nada que bastaria para me fazer dizer sim, aquele gesto microscópico que seria necessário para me fazer capitular, oscilar, admitir que, desde que ele tinha me abordado na praça, a vontade de responder me sufocava, que eu não desejava nada mais do que levá-lo para minha casa, colocar minhas mãos nele, e que eu tentava com dificuldade, laboriosamente, calar esse desejo. (LOUIS, 2020, p. 45-46)

Em seu artigo, “A Epidemia da Solidão Gay” (2017), Michael Hobbes destaca que existia uma certa diferença entre os rumos que os seus amigos heterossexuais tomavam em suas vidas em relação aos seus amigos gays. Segundo Hobbes, parte de seus amigos sumiam por conta de relacionamentos, família, filhos e da vida mais calma, enquanto a outra parte (*gay*) sofria com fatores como isolamento, insegurança, ansiedade e problemas com drogas e sexo.

É interessante atentar para a observação de Hobbes a respeito da solidão *gay*, pois os prejuízos causados pela hegemonia do sistema social do patriarcado perpassam toda a trajetória do autor-narrador-personagem. A tradução disso é uma vida propensa à segregação, à depressão, à ansiedade, na qual persistem danos mentais, emocionais e até mesmo, em certos casos, físicos. Alguns deles ficam evidentes na fala da irmã de Édouard, narrada por ele:

E então ela diz que sim, na verdade ela sabe, ela sabe por que eu não desconfiei de nada, é porque eu me apego muito rápido a qualquer um, que desde a infância sou assim, que não mudei, mas ela diz que ela não fala disso para mim, que ela não me expressa essa ideia porque sabe que eu responderia que esse comportamento tinha explicação, e que se explicava ainda pela minha solidão, pela minha exclusão no seio de nossa família, e ela diz que não quer me escutar dizer isso. Que não é verdade. (LOUIS, 2020, p. 77)

É difícil estabelecer qual tipo de exclusão é mais impactante na vida de um jovem *gay*: se a promovida no ambiente familiar ou no convívio social. Mas o que não

se pode negar é que todos esses fenômenos se interseccionam em degraus que compõem uma íngreme escada de práticas institucionais, históricas, culturais, interpessoais, promotora de disparidades ao segmentarem determinados grupos dentro da sociedade, beneficiando uns em detrimento de outros. Neste caso, vemos, claramente, através de seu relato, as consequências emocionais marcadas na vida de Louis:

Havíamos chegado a um cruzamento, cercado de postes de luz, onde se encontram a rue du Faubourg-du-Temple com o quai de Valmy, e eu andava mais devagar porque esperava que isso me permitisse conversar mais tempo com ele antes de ir me deitar. Eu não sabia quase nada dele e já queria suplicar que não me abandonasse, pensando: *É porque as ruas estão vazias que ele se interessou por você*, pensando: *É porque não tem mais ninguém. É porque você está sozinho na rua a uma hora dessas*. (LOUIS, 2020, p. 64, grifos do autor)

De algum modo, Édouard pode ter projetado em Reda a expectativa do acolhimento de que era desprovido. É sabido que a solidão e a baixa autoestima são fontes produtoras de sequelas psicossomáticas das vivências segregadas experienciadas pelos jovens LGBTQIA+ e pelas minorias. E mais ainda: Édouard encontrara (ou desejava fortemente encontrar) também em Reda algum tipo de refúgio e identificação. Afinal, eram dois jovens em situação de marginalização social que estavam conversando, em Paris. E o interesse de Reda em saber sobre a vida de Louis saciava, naquele momento, a enorme carência do protagonista, mitigando as dores advindas de seu sentimento de inferioridade.

Reda quis saber por que um pouco antes dos vinte anos eu tinha deixado minha família, e sobretudo por que eu não passava o Natal com eles. Ele arriscou que fosse por causa dos estudos. Eu respondi que os estudos tinham sido mais uma consequência da minha fuga. Que eu tinha fugido antes. Os estudos, a ideia de estudar surgiu bem mais tarde, quando eu compreendi que eles seriam basicamente o único caminho possível, ou ao menos o único caminho que permitiria que eu me distanciasse não só geograficamente, mas também simbolicamente, socialmente e, portanto, totalmente do meu passado. (LOUIS, 2020, p. 69)

Entre conversas e desconversas, “ele tomou coragem e soltou essa frase assim do nada: Vamos trepar?”²⁹ (LOUIS, 2020, p. 65). O convite à queima-roupa desnudara Édouard lançando-o na ambiguidade de não saber se devia aceitá-lo ou não. Entretanto, a enorme dimensão da carência, acentuada pelo charme do rapaz, pela sede de seu desejo e pela necessidade de desenvolver uma reciprocidade afetiva são elementos que se acumulam e explicam a opção do autor-narrador-personagem. De fato, Louis se deixa seduzir pelo momento de euforia e de prazer e aceita que o recém conhecido o acompanhe até o seu apartamento. Lá, os dois jovens fazem sexo e se encantam um pelo outro em poucas horas.

Tudo era perfeito, pelo menos para Édouard. Até que após o banho, Louis sente a falta de seu telefone e questiona se Reda o tinha visto (na verdade, vários objetos tinham desaparecido, fato que Édouard só constatará *a posteriori*). Em negação, o jovem cabila insiste em dizer que não havia visto o portátil, mas foi no momento em que Louis o abraçou que o seu mundo desmoronou: “Eu vi, saindo do casaco, cinza e brilhante, o canto metálico do meu iPad. Eu não havia notado seu desaparecimento. Virei a cabeça para a mesa onde ele deveria estar. Não estava mais.” (LOUIS, 2020, p. 82).

Aquele fora o início de seu calvário. Numa noite nebulosa, composta por dúvidas, medos, questionamentos e acusações: Reda perdia a cabeça. Começavam, então, os gritos, a violência. Édouard é enforcado pelo seu amante por meio de um cachecol de lã. Contudo, não havia uma escalada de violência: alternavam-se, na verdade, momentos de erupção e de uma medonha calmaria. Reda se acalmava e Édouard insistia em pedir o seu portátil de volta.

A noite fora marcada por picos de euforia, confusão, raiva e descontrole emocional do jovem rapaz, que ele conhecera há poucas horas. Foi quando, enfurecido, Reda saca o revólver. Nessa altura, já era Natal e o símbolo de comemoração do nascimento de Cristo se tornava, cada vez mais, o símbolo da morte de Édouard: “ele apontara seu revólver, a pergunta que eu me fazia já não era: *Será que ele vai me matar*, porque naquele momento já não me restava nenhuma dúvida, era irreversível, ele ia me

²⁹ O autor utiliza as aspas neste parágrafo para sinalizar que é uma transcrição de uma fala. Esse recurso está presente tanto na tradução quanto no original. Neste caso, vemos a sinalização de que é a irmã de Louis, Clara, quem está narrando o encontro dele com o Reda para o marido.

matar e eu ia morrer, naquela noite, no meu quarto” (LOUIS, 2020, p. 14, grifo do autor).

A luta pela vida começara. Sem mais hesitações, o auge da noite se dá no momento em que Reda, em fúria, insiste em amarrar os braços de Édouard, mas, como não obtinha sucesso, toma a pistola em suas mãos novamente e o viola, sem preservativo, em sua própria cama; a mesma cama que há poucas horas era o templo que abrigava os seus corpos que se tocavam.

Entorpecido, amedrontado e acorrentado pelo terror de seu amante, Louis via a sua dignidade se esvaír nos movimentos bruscos que o cortavam por dentro. Contudo, cada minuto era calculado por Édouard. De alguma forma ele mantinha, perante Reda, a sensação de estar sendo completamente dominado. É, então, no ápice da brutalidade, dada pelo orgasmo do cabila, que Louis o golpeia com um acotovelamento nas costelas.

Ele não esperava. Ele se sentiu surpreso, derrotado, e caiu de lado, basculando na borda da cama como um inseto que se vê virado de costas, impotente, que agita loucamente as patinhas, perdendo o equilíbrio de forma brusca, a calça na altura das canelas, o olhar de presa confusa, perseguida, o sexo ainda duro e reto como um porrete, coberto de sangue, o sexo em riste e de repente risível, reduzido a nada além de um pedaço de carne rosada como que plantado de forma desengonçada no meio de seu corpo. (LOUIS, 2020, p. 117-118)

Édouard nos relata que, rapidamente, corre da cama para porta, com o sangue escorrendo em linhas sinuosas e vermelhas entre suas pernas, e espera o seu agressor, ainda em choque com tudo o que ocorrera, e diz: “Agora ou você vai ou eu grito”³⁰ (LOUIS, 2020, p. 118). Com um pouco de hesitação e tenso, Reda parte. Louis entra e fecha porta, mas Reda volta: “Colou seu rosto contra a porta, eu o ouvi fazer isso, e me disse: ‘Tem certeza que quer que eu vá embora? Sinto muito. Desculpe’. Respondi: ‘Vai’. Tinha acabado.” (2020, p. 119).

Reda era filho de um imigrante fugitivo de seu passado. E o preconceito calcificado na sociedade francesa – bem conhecido por Louis – transparecia nas falas, nos gestos, nas feições das pessoas que ouviam a história. É, portanto, na delegacia,

³⁰ Nesta frase, vemos a sinalização, em aspas, de que é o autor-narrador-personagem quem fala diretamente para o seu algoz, Reda.

após o estupro e a tentativa de homicídio, que se evidencia a institucionalização da xenofobia na sociedade francesa, a qual Édouard bravamente não hesita em denunciar:

Ele era cabila. O agente de polícia, quando eu repeti, o homem ou a mulher, já não lembro, me interrompeu, e ela ou ele me disse, pois eu acabara de esclarecer que saber que Reda era cabila havia modificado profundamente o curso da noite: ‘O senhor tem uma queda por tudo que é árabe?’. Eles esperaram minha resposta, e eu, eu hesitei, depois, como o idiota que essas circunstâncias fazem da gente, respondi, como se a pergunta fosse de fato uma pergunta, ou como se ela fosse normal, apresentável, que ele não era árabe, mas cabila, que eu tinha lido estudos sobre aquela região do globo e que, graças a essas leituras, dominava alguns elementos da cultura cabila. (LOUIS, 2020, p. 61)

De alguma forma, a florava em Édouard Louis um sentimento de empatia, como se o que havia acontecido não fosse tão abominável, naquele instante. Sentimento este que entra, em diversos momentos, no decorrer de sua autobiografia, em choque com o trauma, com a dor e com os seus ideais. Afinal, ser homossexual e filho de pai imigrante era estar sujeito às mais diversas perversidades discriminatórias da sociedade francesa. Separar o crime das acumulações racistas e xenofóbicas aplicadas aos estrangeiros, em tão pouco tempo, gerava um turbilhão na cabeça do autor-narrador-personagem:

Uma segunda pessoa tinha se instalado no meu corpo; ela pensava em meu lugar, falava em meu lugar, tremia em meu lugar, tinha medo por mim, me impunha seu medo, me obrigava a tremer com seus tremores. No ônibus ou no metrô eu baixava os olhos quando um homem negro ou árabe ou potencialmente cabila se aproximava de mim – pois era somente com os homens, e essa característica era outro absurdo, na fantasia racista que me colonizava, o perigo tinha sempre rosto de homem. Baixava os olhos ou virava a cabeça e implorava em silêncio: *Não me ataque, não me ataque*. Não abaixava a cabeça se o homem fosse loiro, ruivo ou se tivesse a pele muito clara.

Eu estava duplamente traumatizado: pelo medo e pelo meu medo.

Isso durou dois ou três meses. (LOUIS, 2020, p. 162, grifo do autor)

Os sentimentos de pavor e hostilidade estavam consubstanciados. O autor-narrador-personagem havia sido atravessado pela violência e esta gerava generalizações apressadas a qualquer um que se assemelhasse fenotipicamente ao seu agressor. Dito de

outro modo, ele agia preconceituosamente. Louis tinha plena consciência de que se tornara racista e rejeitava esses sentimentos: era um combate entre o trauma e a consciência social. Para essas situações, Judith Butler (2020, p. 37) nos adverte que:

De certa forma, e paradoxalmente, nossa responsabilidade aumenta quando somos submetidos à violência de outros. Somos influenciados violentamente, e parece que nossa capacidade de definir nosso próprio percurso nesses casos está totalmente comprometida. [...] Que papel assumiremos na transmissão histórica da violência, quem nos tornaremos na resposta? Estaremos promovendo ou impedindo a violência em virtude da resposta que daremos? Responder à violência com violência pode parecer 'fundamentado', mas seria essa, afinal, uma solução responsável?

Podemos colocar essas questões ao autor-narrador-personagem, pois, como bem sabemos, Louis se destacava por sua excelente formação acadêmica e seus estudos no campo social. Porém, é evidente que se deslocar imediatamente da grave situação traumática e abordar o crime por meio de análises racionalmente frias e sociológicas seria agir contra o próprio impulso humano ditado pelo medo. Todas essas questões levariam tempo para serem digeridas e depois respondidas. O embate, portanto, entre a emoção e a consciência estavam sendo travados dia após dia.

Por outro lado, havia também um genuíno interesse em saber sobre a origem de Reda e o que acontecera em seu passado. Contudo, Édouard não só estava interessado, mas, de fato, obcecado pela história do cabila, atravessada pela violência social que os grupos minoritários de refugiados e imigrantes, aos quais seu pai pertencia, foram submetidos.

Reda começou a me contar tudo isso na entrada do meu prédio, mas foi mais tarde, quando estávamos os dois deitados na minha cama e eu lhe implorei que me falasse mais sobre ele, sobre sua vida, que ele me contou o resto. Eu o escutava. Passava os dedos por sua pele e o escutava. Seu pai percorreu a Cabília para fugir. Caminhou por vários dias a fio, sozinho. Decidira não partir com os outros. Atravessou zonas de deserto, dormiu na areia e na terra, escondido entre arbustos. (LOUIS, 2020, p. 50)

Mesmo mantendo as análises sociológicas, como vimos em sua primeira obra, *O fim de Eddy*, a forma de expor aos seus leitores o que ocorrera naquela violenta madrugada é extremamente fragmentada: há diversas interrupções na sequência cronológica de seu texto. Por exemplo, parte do ocorrido é contado por sua irmã que, ao relatar ao seu marido o que se passara com Édouard em Paris, acaba por mesclar fatos passados da história do irmão com o roubo seguido de estupro. O autor-narrador-personagem, de certo modo, imprime em suas páginas uma vontade de tentar entender todo o movimento que o levara do céu e ao inferno, numa única noite de Natal.

O marido dela voltou do trabalho. Daqui de onde estou, posso ver os pés, os dele. Clara e ele estão na sala, eu estou no cômodo vizinho. A porta está quatro ou cinco centímetros entreaberta, eu os escuto sem que eles possam me ver, escondido e de pé, imóvel detrás da porta. Não posso vê-los, só os ouvir, só consigo distinguir os pés dele, mas intuo que ela esteja sentada na cadeira em frente. Ele a escuta sem se mexer, e ela fala.
‘Ele falou assim, bem desse jeito, que não sabia quase nada dele, só o nome: Reda.’ (LOUIS, 2020, p. 13)

O passado do autor-narrador-personagem é revisitado por ele e por sua irmã, isto é, uma narrativa intercalada pelas vozes de Édouard Louis e de Clara. É interessante destacar também o caminho que a escrita de Louis percorre ao tentar redesenhar o pouco que sabia a respeito da vida do pai de Reda, buscando, de alguma forma, entender o fulcro daquela violência que se perpetuava socialmente na origem familiar de seu agressor.

Quando ele me disse que seu pai frequentemente lhe falara do diretor como um homem violento e tirânico, de imediato criei uma representação desse diretor: imagens de Ordive me vieram à mente; não controlo o fluxo de lembranças que me retornam quando alguém fala comigo, elas me atravessam, me talham, e é somente a partir delas que me agarro ao presente, e então pensei em Ordive enquanto escutava Reda, essa mulher que vi pela última vez há uns dez anos, e tive certeza de que o diretor do abrigo do pai de Reda se parecia com ela. Era uma mulher bastante idosa. (LOUIS, 2020, p. 54-55)

Intencionalmente ou não, defrontamo-nos aqui com a vontade do autor-narrador-personagem em traçar paralelos entre a violência que o vitimara e as origens de Reda,

narrando a *História da violência* em diferentes âmbitos. Como na relação comparativista que ele estabeleceu entre o diretor do abrigo e Ordivé, uma mulher idosa bastante odiada em seu vilarejo e vítima de calúnias e difamações. Louis buscava, a todo tempo, escavar as histórias das pessoas à procura de respostas para a reprodução da violência e refletia sobre o caso de Ordivé: “hoje eu tenho bastante empatia por ela por causa do abuso que ela sofreu, e se hoje compreendo que tudo o que ela atravessou só podia levar ao ressentimento, que era quase fatal” (LOUIS, 2020, p. 58).

Essa lógica levava-o a entender que a amargura dessas pessoas poderia ser uma resposta à violência e ao abuso que os acometeram durante a vida. Nesse cenário, Édouard encontrara algum tipo de identificação com a história do cabila e, nesse processo, também estava presente a empatia: a pobreza, a fuga, a crença num futuro melhor e o enfrentamento do sórdido preconceito disseminado na sociedade francesa para com as minorias talvez fossem pontos que fervilhavam na cabeça de Louis. Estas situações que ele mesmo experienciara ao longo de sua vida viriam a ser reportadas, futuramente, em suas autobiografias, *O fim de Eddy e História da violência*:

‘O que ele pensou foi que era lógico o tal Reda roubar alguma coisa. Reda. Daí é óbvio que eu respondi. Eu não podia deixar passar uma dessa, eu respondi: Ah é, como assim, você pode explicar? Eu tava muito brava. Eu falei: Essa aí eu não engulo porque nesse negócio de roubar não dá pra ver lógica nenhuma. Já pensei bastante e não dá pra achar lógica. Eu não consigo, me desculpa. Não dá. Nem quebrando a cabeça. Eu tenho é nojo, é isso, nojo dessa gente, desses ladrões [...]. (LOUIS, 2020, p. 82)

‘E ele me disse: Talvez não seja justo. Eu digo que não é justo. Não, ele diz. Eu digo que não é justo, mas é lógico, se ele de fato ralava de um trabalhinho aqui para outro ali para ganhar um troco, umas migalhas por uns consertinhos de nada, e ainda mais se ele batalhava quase implorando a conhecidos ou amigos para trabalhar na casa deles. Veja, insistindo e se humilhando, porque é uma humilhação. Você sabe de que tipo: Você não tem um trabalhinho aí pra me passar?, ou: Você não sabe de alguém que precise de uma pintadinha na casa? Então quando o Édouard viu que o tal Reda tinha roubado, ele pensou que faria a mesma coisa no lugar dele. (LOUIS, 2020, p. 83)

No diálogo entre Clara, irmã de Édouard, e o seu marido, referido acima, ela reiterava a sua indignação ao perceber que o seu irmão levantara argumentos em defesa do agressor, numa tentativa reflexiva de encontrar respostas lógicas para o roubo que o cabila lhe aplicara. O que fica latente no discurso de Louis é um esforço de construir

uma análise reflexiva considerando as questões sócio-históricas, pois, sendo Reda filho de um imigrante, ele estaria num estado de vulnerabilidade em relação à sociedade francesa, sendo vítima, ele também, de desconfianças, aversões, preconceitos, que acabariam por impedi-lo de ascender socialmente.

Voltando ao ponto de vista de Clara, não haveria lógica no roubo, já que ela e o irmão são também produtos de uma vida presa entre a miséria e ambientes brutais. Seus argumentos morais, todavia, não consideram questões de ordem estrutural. Louis, por sua vez, vislumbrava em Reda uma fenda civilizatória, um erro no corpo social que o marginalizara. Essa compreensão pode ser igualmente justificada pelo destaque que o autor-narrador-personagem concede à fala de Clara, que denuncia o passado de seu irmão:

‘Eu nunca falei nada pros nossos pais porque ele ia apanhar muito. Eles teriam dado uma bela duma surra nele e na real seria com razão. Mas eu sei que quando ele era pequeno ele também roubava. Ele ia roubar quando precisava de dinheiro (*claro que sua ética da honestidade evapora quando se trata de membros da família*). (LOUIS, 2020, p. 83, grifo do autor)

As distintas violações vividas por Édouard, Reda e o seu pai cabila partem do mesmo conjunto de falhas reproduzidas pela incapacidade social de garantir igualdade entre a diversidade humana, década após década. Vale destacar que os corpos também são objetos de estudos sociais; são registros marcados pelo funcionamento da sociedade. Ora, pode-se, muito bem, definir os fundamentos de um determinado povo a partir da observação das minorias. Em outras palavras, o processo de inclusão e exclusão de pessoas evidencia o sistema de valores em vigência em determinado local, neste caso, na França.

Em sua subjetividade e entendimento do complexo conjunto de corpos ocupantes de um espaço social e geográfico – que é a sociedade – ainda que singularizados por vivências distintas, pode-se inferir que Louis busque compreender a engrenagem da coerção social que acometia a ele, tanto quanto a Reda, irmanando-os enquanto vítimas do mesmo sistema brutal.

Outro destaque diz respeito às situações de marginalização e extremo sofrimento experienciadas pelos imigrantes, refletindo a grande dificuldade de essas minorias saírem das bordas da sociedade. Nessa perspectiva, o autor-narrador-personagem nos conta fragmentos da história do pai de Reda, convidando-nos à reflexão dos desafios e dos perigos enfrentados por aqueles que buscam acolhimento e um futuro melhor, fora de seu país de origem:

Seu pai fora obrigado a ir morar num abrigo para imigrantes na periferia ao norte de Paris, já não sei exatamente em qual cidade, com a roupa do corpo e uns quantos objetos socados numa pequena mala, não porque ele não tivesse nada, mesmo se ele não tinha muito, mas porque era proibido se instalar ali com mais coisas, como se à pobreza viesse se somar uma espécie de exigência de *parecer pobre*. [...] Seu pai percorreu a Cabília para fugir. Caminhou por vários dias a fio, sozinho. Decidira não partir com os outros. Atravessou zonas de deserto, dormiu na areia e na terra, escondido entre arbustos. (LOUIS, 2020, p. 50, grifo do autor)

Em certos momentos, Reda demonstrava o seu encanto por Édouard por suas características fenotípicas, reagindo entusiasmadamente aos seus olhos azuis e ao seu tom alourado, como se essas características representassem algum tipo de vantagem social ou indicassem uma origem familiar privilegiada:

Foi aí que o outro quis saber se o Édouard tinha família inglesa ou alemã, ele diz: Tô na dúvida, e Édouard responde: Infelizmente, nem uma nem outra. E aí ele fala rindo essa frase que nosso pai usava pra falar da família. Como meu pai dizia, ele era francês da gema, sem mistura, pai francês, pai do pai francês, pai do pai do pai francês, pai do pai do pai do pai francês. (LOUIS, 2020, p. 49)

Nesse cenário, percebemos que as atitudes do cabila nos ajudam a entender como o racismo e a xenofobia estruturam as relações pessoais, estando presentes no cotidiano francês. Tampouco faz-se necessário o entendimento epistemológico da sociologia para compreender os inaceitáveis privilégios de raça e de classe de que goza a “boa” sociedade francesa. A esse estado de coisas, soma-se a tímida admiração pelos estudos professada por Reda: “ficava paralisado diante dos livros. Ele pegou um volume

grosso e disse: ‘Eu nunca leio, meus pais queriam que eu estudasse, mas não era a minha, eu preferia dar uma de imbecil’.’ (LOUIS, 2020, p. 73).

Todos esses fatos desvelam os obstáculos que impingem os imigrantes às piores condições de vida em relação aos franceses, os quais têm acesso facilitado a diversos tipos de vantagens sociais. Na verdade, mesmo os filhos de imigrantes, nascidos no país não periférico, não estão a salvo das barreiras culturais e institucionais que se impõem a todo instante, causando-lhes prejuízos materiais e psicológicos, tornando-se vítimas de um processo de invisibilização.

Por outro lado, há de se ressaltar, nessa narrativa polifônica, que o autor-narrador-personagem praticava a empatia em relação aos marginalizados, mas sem idealizações. Dessa forma, Louis não apenas proporcionava voz aos inviabilizados, como também mostrava que a violência e o preconceito também estavam presentes dentro daqueles grupos, incluindo a si mesmo nessas situações. Há, assim, reflexões do autor-narrador-personagem que nos levam ao entendimento de que a internalização de preconceitos dentro da sociedade pode se desdobrar em violência tal qual a discriminação. Esse fato pode ser inferido do relato em que ele esclarece ter-se tornado racista por um tempo após o estupro (episódio já reportado neste trabalho). Desse modo, a escrita de Édouard Louis apresenta uma preocupação em trazer diferentes aspectos da presença da violência em vários âmbitos, sem idealizar algum grupo em detrimento de outro; demonstrando que aqueles que sofrem violência também podem cometer violência, gerando, por conseguinte, reproduções sociais viciosas.³¹

Nesse sentido, não há romantização da pobreza – aqui compreendida como desprovimento de capital social, econômico e cultural – nem da marginalização, pois, mesmo seu pai sendo vítima de todo um mecanismo perverso da sociedade capitalista, que solapava a sua saúde física e emocional pelo trabalho excessivo na fábrica, reproduzia violência homofóbica contra o seu próprio filho.

³¹ É preciso, antes, esclarecer que, quando essas violências ocorrem dentro de grupos marginalizados, não há relação de privilégio, pois todos estão perdendo poder de decisão política e emancipação dentro da sociedade. A condição muda completamente quando certos grupos de indivíduos, que estão à margem da sociedade, sofrem violência por grupos privilegiados, tendo em vista os seus ganhos simbólicos, materiais, entre outros, na sociedade, em detrimento dessas minorias.

Lembro do meu pai que, tomado de dor, urrava, dava gritos excruciantes no quarto ao lado por causa de seus problemas nas costas, a noite toda, chorava mesmo, e do médico que vinha lhe dar injeções de cortisona sob as indagações ansiosas da minha mãe *Mas como vamos fazer para pagar o doutor*. Minha mãe dizia (também) *A dor nas costas é de família, é genética, e aí com a fábrica fica difícil* sem se dar conta de que os problemas não eram a causa, mas a consequência do caráter devastador do trabalho na fábrica. (LOUIS, 2018, p. 33-34, grifos do autor)

Ainda falando sobre o seu primeiro livro, fica evidente na fala de Louis o ressentimento quando questionado na entrevista, concedida a *O Estado de São Paulo*, se havia conseguido compreender a raiz da violência em que fora submetido. Em resposta, o autor diz que, por mais que culpe o sistema que produz a pobreza e a dominação, “perdoar não quer dizer que foi tudo maravilhoso, que todos eram legais.” (RODRIGUES, 2018).

Em *História da violência*, aparece, em diversos momentos, Reda também como vítima de preconceito por ser pobre e imigrante e, ao mesmo tempo, agressor e estuprador do autor-narrador-personagem. Isso fica evidente também quando Louis diz ao Reda que não quer denunciá-lo e lhe propõe a saída de seu apartamento sem que haja interferência policial: “Ainda não é tão tarde, você pega suas coisas e dinheiro se quiser, você vai embora e eu não vou dizer nada para ninguém, eu não vou chamar ninguém, nada, eu juro, volta pra sua casa.” (LOUIS, 2020, p. 104). Contudo, o seu agressor não aceita as suas proposições e o ataca violentamente com palavras homofóbicas, evidenciando a homofobia internalizada³², isto é, não aceitando a própria condição sexual.

Mas ele se afastou e recomeçou: Você vai pagar, eu vou acabar contigo, sua bicha suja, vou cuidar de você, seu viado; e eu pensei: *Aí está* – eu pensei, já não tenho tanta certeza hoje em dia, mas quando ele falou isso eu pensei: *Ele deseja e detesta seu desejo. Agora vai querer se justificar pelo que fez com você. Ele quer fazer você pagar pelo desejo dele. Quer se convencer de que não era porque ele desejava você que vocês fizeram tudo o que fizeram, mas que era somente uma estratégia para fazer o que ele está fazendo agora com você, que vocês transaram, mas que ele já estava roubando você.* (LOUIS, 2020, p. 104, grifos do autor)

³² Preconceito sexual contra si mesmo.

Em outra passagem, podemos ver também a denúncia implacável que Édouard faz do preconceito vigente dentro dessas próprias minorias, produzindo uma estratificação hierarquizada dos indivíduos que não ocupam uma posição de centralidade na sociedade ocidental “bem ilustrada”:

Ele tinha me dito, também, que o diretor tratava seu pai um pouco melhor que os outros, e sobretudo melhor do que tratava os árabes, porque ele era cabila, e o diretor achava que os cabilas eram mais respeitáveis, que eram mais corajosos e até mais limpos que os árabes – e certamente seu pai partilhava desse ponto de vista, Reda em todo caso partilhava, e suponho que isso vinha de seu pai. Não é uma certeza. Mas naquela noite, quando andávamos pela rua, ele tinha me dito que não gostava de árabes, já não sei que insulto ele usou, não lembro mais a palavra que empregou, só a violência que trazia em si; fiz como se não tivesse escutado, é claro que eu ainda não poderia pensar o que pensaria alguns dias mais tarde, isto é, que no fim das contas Reda falava dos árabes da mesma maneira que os policiais (LOUIS, 2020, p. 54)

Mesmo pertencendo a grupos marginalizados na França, os cabilas se sentiam superiores aos árabes. O racismo, mais uma vez, é denunciado por Louis. Não apenas sendo executado pelos opressores, mas também nas relações entre os próprios oprimidos. Essa situação complexa parte do ponto de vista de que todos podem reproduzir a violência, pois ela age em cadeia, encontrando-se interligada nas mais diferentes classes e estruturas sociais e sendo determinada por diversos fatores, dentre os quais destaco: o econômico, o político, o social, o cultural, o histórico o religioso, entre outros.

A marginalização dessas minorias, na sociedade, opera, portanto, o confinamento dos indivíduos à situação de subalternidade. Pior: a marginalização é em si mesma um processo histórico enraizado, impossibilitando a emancipação dos indivíduos na sociedade. Cabe ainda destacar a presença onipotente do preconceito e da violência para com os marginalizados. A violência e o preconceito, nesse sentido, se mostram como potências capazes de permear os mais diversos ambientes e grupos, como verificado em *O fim de Eddy* e *História da violência*.

Num processo de reflexão sistemático e incansável, o nosso autor-narrador-personagem escava, coleta e ao vocalizar denuncia todos os fenômenos que afligem

esses “indivíduos periféricos” por intermédio de narrativas autobiográficas. Ao fazê-lo, sinaliza que as consequências dessas violações, muitas vezes invisíveis, são gravosas e comprometem sobremaneira a formação social e psicossocial dessas pessoas. Assim, a marginalização, por seu turno, açambarca desde preconceitos habituais até atos hediondos.

3.1 Investigação arqueológica da violência

Nesse ponto de nossa análise, buscando alinhar a perspectiva sóciopolítica das obras édouardianas com os Estudos Culturais, contaremos também com o arcabouço teórico fornecido por Judith Butler. Pesquisadora mundialmente conhecida por suas contribuições no âmbito da filosofia e uma das principais teóricas contemporâneas do feminismo e da teoria *queer*, seus estudos tocam num dos pontos centrais que atravessam as duas obras de Édouard Louis, que constituem o *corpus* desse estudo: a violência.

Nesse cenário, observando a violência como um processo cíclico e contínuo, composto por diversas fases e sendo reproduzido em cadeia —, conforme exemplificado no comportamento de Reda, que era, ao mesmo tempo, vítima da violência marginalizadora e reproduzidor dessa mesma violência —, cumpre, nesse momento, trazer para o debate o tema das responsabilidades individuais. Na verdade, “precisamos situar a responsabilidade individual à luz de suas condições coletivas.” (BUTLER, 2020, p. 36).

Sendo assim, para uma análise crítica e mais incisiva do fenômeno da exclusão social, faz-se necessário considerar outros aspectos que envolvem a construção da violência nesses indivíduos. Para isso, prossegue Butler, o fato de “tomar os atos criados pelo indivíduo para o indivíduo como nosso ponto de partida em um raciocínio moral é precisamente excluir a possibilidade de questionar que tipo de mundo origina tais indivíduos.” (2020, p. 36).

Não bastaria, contudo, nos opormos à violência. Seria necessário também entender a sua origem social e a sua relação com esses indivíduos, implementando uma ruptura nas velhas fórmulas prontas do moralismo e dos chavões do individualismo, como Clara, irmã de Louis, conjecturava em *História da violência*. Isso ocorre porque a violência é um fenômeno que pode ser causado por grupos, indivíduos e até mesmo pela sociedade civil organizada, mediante o estigma aplicado às pessoas fora do padrão da “boa sociedade francesa”, a título de exemplo, os árabes.

Em outras palavras, todo tipo de exclusão social é violento, pois não respeita a diversidade, condenando grupos à marginalização. A violência, nesse sentido, manifesta-se como uma variável entranhada nas relações interpessoais, ramificando-se em todas as estruturas da sociedade, podendo assumir inúmeros aspectos, dependendo do contexto em que se dê. Por isso, é necessário também identificá-la:

E o que é esse processo de ‘originar’? Quais condições sociais ajudam a formar os caminhos em que a escolha e a deliberação aparecem em seguida? Onde e como tais formações do sujeito podem ser infringidas? Como é que a violência radical se torna uma opção, vem a ser a única opção viável para alguns, a partir de algumas condições globais? Contra quais condições de violação elas reagem? E com quais recursos? (BUTLER, 2020, p. 36)

Quando trazemos a lume a cultura da violência, numa perspectiva mais ampla, impõe-se a necessidade de uma análise crítica mais aprofundada para nos darmos conta do que é, de fato, esse fenômeno. Por isso é que “Fazer essas perguntas não quer dizer que as condições, e não o individual, sejam culpadas. É antes de mais nada, repensar a relação entre condições e atos. Somos, ao mesmo tempo, influenciados e influenciadores, e nossa ‘responsabilidade’ está na junção entre os dois.” (BUTLER, 2020, p. 36).

Trata-se de um desafio que não pode ser pensado fora do campo coletivo. Se a violência é uma consequência, então devemos buscar entendê-la dentro de um padrão de causalidade. À vista disso, os discursos prontos, estereotipados e ressentidos não fazem avançar a compreensão da complexidade do fenômeno:

a denúncia moralista proporciona uma gratificação imediata, tem até mesmo o efeito de purificar temporariamente o interlocutor de toda a proximidade com a culpa pelo próprio ato hipócrita de denúncia³³. Mas seria isso o mesmo que responsabilidade, entendida aqui como o ato de fazer um balanço do nosso mundo e participar de sua transformação social de tal maneira que relações internacionais não violentas, cooperativas e igualitárias continuem o ideal orientador? (BUTLER, 2020, p. 37)

Nesse caso, devemos nos perguntar qual é o nosso papel diante das demandas sociais. Por outro lado, é inegável que a literatura édouardiana cumpre a função de instrumento político com vistas a desvelar as contradições no âmbito social da França. Nessa perspectiva, expor e questionar a violência não teria qualquer relação com consentimento ou absolvição de atos de violação, “mas de assumir um tipo diferente de responsabilidade pelas condições globais de justiça.” (BUTLER, 2020, p. 37).

É interessante ressaltar que a busca pela compreensão da origem da violência nos ajuda a denunciar outros tipos de violações que não são levadas em conta pelo discurso do individualismo e do moralismo. Este tipo de desenredamento transpassa toda a literatura autobiográfica de Édouard Louis, por meio de suas memórias pessoais, sociais e familiares. A perspicácia contida na estratégica escavação das estruturas constitutivas da violência e do preconceito no âmbito social e o olhar crítico do autor-narrador-personagem nos torna testemunhas de diversas manifestações de violações denunciadas em seu complexo narrativo.

Além disso, a literatura édouardiana evidencia que os indivíduos *gays*, desde muito cedo, são forçados a conviver com muitos tipos de violência. As microviolências, por exemplo, se caracterizam por diversos comportamentos sutis que expressam discriminações. Esses atos depreciam e desqualificam cotidianamente inúmeros *gays*, que, não raro, encontram-se em situações de fragilidade emocional, pois são compelidos a rejeitar e reprimir seus desejos, sua singularidade, seus corpos, suas escolhas, entre outras coisas.

Vemos, por exemplo, como a violência verbal está presente em *O fim de Eddy*. O pai do autor-narrador-personagem tinha como entretenimento, junto aos seus amigos, em casa, ridicularizar e humilhar a efeminada figura do homem *gay*, por meio de palavras agressivas, que causavam brutais danos psicológicos no próprio filho:

³³ Há um erro de digitação na tradução. A palavra mais adequada seria “denuncia”.

No outro canal, um homossexual participava de um reality show. Era um homem extrovertido vestindo roupas coloridas, de jeito feminino, com um penteado impensável para pessoas como meus pais. A simples ideia de que um homem fosse ao cabeleireiro já pegava mal. Era a mulher que tosava o cabelo do marido, eles não iam ao salão de beleza. Eles riam muito – sempre as risadas – a cada vez que ele tomava a palavra *Ah! Esse aí morde a fronha. Eu que não abaixava pra pegar o sabonete do lado dele. Imagina, essa bicha? Acho que ele é que ia querer se abaixar.* O tipo de humor que por vezes abre lugar para a repulsa *Essas bichas porcas, tinha que enforcar eles, ou enfiar uma barra de ferro no cu.* (LOUIS, 2018, p. 91-92, grifos do autor)

Nos destaques acima, em itálico, o autor-narrador-personagem recupera não só a linguagem oralizada, mas, sobretudo, evidencia a linguagem agressiva, outra modalidade de violência visando aos homossexuais, largamente utilizada pelo meio opressor e experienciada por nosso personagem, em sua infância. Em seguida, Eddy é ridicularizado pelos amigos de seu pai:

Foi naquele momento, bem no momento em que faziam comentários sobre o homossexual na televisão, que eu voltei do colégio. Ele se chamava Steevy. Meu pai se virou para mim e me interpelou *E aí Steevy, tudo bem? Como foi na escola?* Titi e Dédé se escangalharam, tiveram um verdadeiro ataque de riso: choravam de rir, o corpo se retorcendo, como se possuídos pelo demônio, mal conseguindo retomar o fôlego *Steevy, é mesmo, agora que você falou, seu filho tem meio o jeito dele quando fala.* A renovada impossibilidade de chorar. Eu sorri e escapei para o meu quarto. (LOUIS, 2018, p. 92, grifos do autor)

Esse episódio de humilhação expõe a vulnerabilidade, em especial, dos jovens *gays*. O lar, sendo um símbolo de acolhimento universal, é, paradoxalmente, o *locus* principal onde acontecem as primeiras situações de repressão, assédio moral, abuso e violência. Os pais se utilizam de sua autoridade parental para manipular, coagir, constranger, inferiorizar e até mesmo agredir seus filhos a fim de convertê-los a alguma convenção social de comportamentos mais afeitos aos preconizados em determinada cultura.

Não por acaso, os excertos destacados acima sublinham a presença de risadas, gargalhadas e escárnio nos comentários acerca de homossexuais, porque o riso cumpre

o importante papel de agudizar a dor infligida ao “objeto” derrisório, elevando o grau da humilhação a outro patamar. Como nos afirma a estudiosa Débora Cristina Morato Pinto (2018, p. 19), na introdução da obra do filósofo Henri Bergson, em seu célebre tratado *O Riso: Ensaio sobre o significado do cômico*³⁴, “o quadro delineado pelo filósofo e no qual se insere a primeira e mais básica função do riso [é]: castigar o cômico que a rigidez representa à medida que se opõe à maleabilidade indispensável ao ajuste vital e social.”

Por essa razão, o riso se impõe diante de tudo o que rompe um equilíbrio preexistente por um ato involuntário, como um escorregão, um tropeção ou uma queda percebidos por terceiros – pela falta de maleabilidade de um corpo rígido que não anteviu a pedra, a casca de banana ou o degrau mais elevado – ou como uma voz efeminada brotando da boca de um menino ou de um homem inadaptado ao ajuste vocal de um falar grosso masculino, mais conforme às regras mantenedoras do equilíbrio social vigente.

A reflexão bergsoniana desvela um, senão o maior, dos objetivos do riso: “[punir] certas faltas assim como a doença pune certos excessos, atingindo os inocentes, poupando os culpados, visando um resultado geral e não podendo dar a cada caso individual a honra de examiná-lo separadamente.”³⁵ (BERGSON, 1938, p. 214, tradução nossa). Trata-se de uma importante regulação comportamental controlada pelos próprios agentes sociais que desejam ver as telas da vida intocadas, disciplinadas, contidas.

O “objeto” derrisório encontra-se, assim, exposto à execração pública pela sua incapacidade de ater-se a um ordenamento prévio, no melhor dos mundos possíveis, justificando as conclusões de Bergson: “O riso é, acima de tudo, uma correção. Feito para humilhar, ele deve dar à pessoa que é [seu] objeto uma impressão dolorosa. A sociedade vingá-se com o riso das liberdades que foram tomadas para com ela. Ele [o

³⁴ Publicado originalmente na França em 1900. Traduzido a partir da 23ª edição (1924) para o português por Maria Adriana Camargo Cappello.

³⁵ « Le rire châtie certains défauts à peu près comme la maladie châtie certains excès, frappant des innocents, épargnant des coupables, visant à un résultat général et ne pouvant faire à chaque cas individuel l’honneur de l’examiner séparément. » (BERGSON, 1938, p. 214).

riso] não alcançaria seu objetivo se fosse marcado por simpatia e bondade.”³⁶
(BERGSON, 1938, p. 213, tradução nossa).

Todos os métodos e estratégias, conscientes ou inconscientes, de autoritarismo familiar resultam em um ambiente tóxico, hostil e desarmônico. Em consequência, os jovens *gays*, muitos dos quais não emancipados, desenvolvem problemas de baixa autoestima, depressão e outros significativos distúrbios de natureza psíquica. No caso de Eddy, é promovida a asfixia de sua personalidade em favor do padrão heteronormativo.

Desamparados diante dessa criatura que lhes escapava, meus pais tentaram encarniçadamente me recolocar no caminho certo. Eles perdiam a paciência, me diziam *Ele é meio maluco, não bate bem da cabeça*. A maior parte do tempo eles me chamavam de *mocinha*, e *mocinha* era de longe o mais violento dos insultos para eles – isso era perceptível no tom por eles empregado –, aquele que mais exprimia seu desgosto, bem mais do que *babaca* ou *imbecil*. Naquele mundo onde os valores masculinos se erigiam como os mais importantes, até minha mãe dizia *eu tenho colhão, eu não deixo barato*. (LOUIS, 2018, p. 25, grifos do autor)

Ainda em *O fim de Eddy*, o autor-narrador-personagem deflagra o debate a respeito da violência dentro do seio familiar. Nessa perspectiva, o autor quebra o silêncio e denuncia a tradição autoritária e arbitrária de sua família patriarcal, revelando a manutenção de certos valores que defenestram jovens *gays* dentro de seu próprio núcleo parental. Desse modo, tomamos conhecimento de que, sob diversas formas e intensidades, a violência doméstica se erige também contra a homossexualidade.

Para além disso, as figuras paternas são naturalmente revestidas de expressões de força e poder sobre os mais jovens. Sabemos que as práticas educativas constituem a atmosfera socioafetiva do lar, impactando negativamente ou positivamente na constituição daquele indivíduo que será introduzido futuramente na sociedade. Entretanto, observando os fatores históricos ocidentais de autoritarismo e violência no âmbito doméstico, percebemos como esses aspectos foram pouco questionados, por isso a importância dos estudos diacrônicos no que diz respeito às pautas identitárias.

³⁶ « Le rire est, avant tout, une correction. Fait pour humilier, il doit donner à la personne qui en est l'objet une impression pénible. La société se venge par lui des libertés qu'on a prises avec elle. Il n'atteindrait pas son but s'il portait la marque de la sympathie et de la bonté. » (BERGSON, 1938, p. 213).

No mundo hodierno, a aplicação de políticas baseadas nos interesses e apoiadas nas reivindicações de grupos sociais – como *gays*, imigrantes, pobres, negros, entre outros –, tem desvelado o preconceito obscurantista camuflado nas relações parentais. Desse modo, a relação de submissão vigente no ambiente familiar tende a perpetuar valores difíceis de serem contestados. Como no caso de Eddy, não é muito raro ver a negação de si e a reprodução do preconceito estrutural.

Ele queria evitar que meu irmãozinho, por sua vez, se tornasse uma mulherzinha como eu. E eu vivera a mesma angústia. Meu irmão mais velho não sabia, mas eu não queria que Rudy apanhasse na escola e estava obcecado pela ideia de fazer dele um homossexual. Eu enxerguei nele desde que ele era muito novo, um verdadeiro trabalho: eu lhe repetia sem descanso que garotos gostavam de garotas, às vezes chegava mesmo a lhe dizer que a homossexualidade era algo detestável, algo *realmente nojento*, que podia levar à danação, ao inferno ou à enfermidade. (LOUIS, 2018, p. 44, grifo do autor)

Essas transgressões praticadas contra os direitos sexuais e identitários atingem milhares de jovens de todas as formas, inclusive as silenciosas e dissimuladas. Na verdade, o autoritarismo familiar se faz presente na civilização ocidental desde a antiguidade. Nesse contexto, os debates dos Estudos Culturais vêm pautando, progressivamente, as mais diferentes abordagens acerca da temática, soterradas sob camadas de valores e tradições conservadoras.

Ainda que nenhuma civilização atual tenha conseguido efetivar com êxito a inclusão desses grupos na normalidade de uma vida pacífica e saudável, a exposição da vida pessoal de Édouard Louis, suas agruras, dores e dissabores, sob a forma literária, integra importantes elementos que pautam reivindicações de lutas do movimento LGBTQIA+, pois o identitarismo deve ser entendido como um processo contínuo e repetitivo de luta coletiva que almeja a inserção dessa grande população sob o leque das organizações de direitos humanos, cujo resultado implicará a emergência de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Isso posto, não há como dissociar a importância – e também o sucesso – das duas autobiografias de Édouard Louis da problemática *gay*, consolidando a conjugação de um projeto literário a um projeto político e estético. Nesse sentido, ao desmistificar a

qualidade de um país que se reputa como completamente democrático, um jovem, oriundo da França, denuncia a homofobia e uma variedade de outros tipos de preconceitos estruturais nesse farol de civilização ocidental, atraindo holofotes e simpatia, que geram visibilidade e engajamento.

A escrita de si, nessas condições, toma corpo sob a forma de uma narrativa retrospectiva amargurada, mergulhada num passado marcado por dor e tristeza. À vista disso, o autor-narrador-personagem nos instiga a conhecer a sua história, acompanhar sua trajetória, transmutando as suas memórias de caráter sociopolítico em autobiografias de dimensão pessoal e coletiva, tão necessária no conjunto de mobilizações sociais a fim de promover ações afirmativas no que diz respeito à *la politique identitaire*.

Por fim, Édouard Louis faz da literatura o seu principal móvel de luta sociopolítico, na França e no mundo, e ao fazê-lo coloca, em seus escritos, situações reais que se chocam não somente com a tradição de sua família e de seu pequeno vilarejo rural, mas com todo aparato estrutural do Estado Francês visando às minorias. Realizando-se, portanto, com base em relatos advindos da vida empírica do autor, não negligenciamos a questão documental, tampouco o exame do princípio de veracidade intencional explicitado tanto em *O fim de Eddy*, quanto em *História da violência*, pois o narrador-personagem demonstra sua clara intenção de garantir a fidelidade, e a autenticidade de seu depoimento, em detrimento de uma mera imitação da realidade.

3.2 A autobiografia enquanto móvel de luta

Louis é uma pessoa que descobriu cedo demais a dor. Isso porque a sua singularidade entrou em choque naturalmente com as regras heteronormativas do ambiente em que nasceu e cresceu. Ao expor, corajosamente, a sua vida íntima, em primeira pessoa, contabilizou inúmeros prejuízos: como a relação com a mãe, os irmãos (PASSOS, 2019), tendo até mesmo sido vítima de um processo kafkiano, movido por seu agressor (L'ECRIVAIN, 2016) em favor da presunção de inocência – isto é, pela culpabilização do réu antes da sentença penal condenatória – e do atentado contra a vida privada de terceiros.

O fato é que as suas obras adquiriram uma força gigantesca na atual literatura francesa, permitindo que as suas narrativas, permeadas por discursos identitários e progressistas, dessem voz a milhares de jovens *gays*, em seu país e no mundo. Desse modo, as denúncias contra o autoritarismo familiar, a violência, o preconceito e o despreparo da sociedade civil francesa fizeram com que as lutas por igualdade ganhassem visibilidade e se tornassem, ainda mais, urgentes, pautando a necessidade imperativa de promoção desse debate, nos quatro quadrantes da terra.

Nas primeiras obras do autor, *O fim de Eddy* e *História da violência*, temos duas narrativas retrospectivas individuais que, ao serem confrontadas com a esfera social, adquirem contornos coletivos. Podemos também abordá-las de maneira propositiva. Dito de outro modo, assumiremos uma atitude analítica baseada na intenção política das autobiografias de Édouard Louis, depreendendo de suas obras o caminho alternativo de engajamento literário, produtor de resistência.

A iluminação do conceito de *precariedade* de Judith Butler, em que o corpo humano seria precário por estar sempre sujeito ao outro, numa relação de interdependência, revela-se fundamental, à medida que desnuda a vulnerabilidade de todos os sujeitos envolvidos no processo de sociabilidade. Portanto, somente a existência não garantiria a dignidade humana, pois há corpos que são violados a todo instante: por exemplo, quando os trejeitos de Eddy são admoestados pelos seus familiares, colegas de escola e vizinhos; violação sintetizada na fórmula “garoto afeminado”.

Eis aqui o cerne da questão: em função da tradição e da moralidade, mecanismos reacionários – entranhados na sociedade – buscam corrigir e moldar aqueles que não se enquadram no padrão heteronormativo, instigando tanto a natureza desse tipo de violação como outras que acometem milhares de pessoas LGBTQIA+ no mundo. As violências praticadas contra estas vidas não causam comoção social, diferentemente de outras situadas no topo da hierarquia social normativa, composta por homens brancos, heterossexuais, ocidentais e ricos. Ora, ninguém cerceia o comportamento de um heterossexual. Na verdade, ocorre, justamente, o oposto. As condutas machistas, em grande parte, são ditadas por instituições e pela sociedade civil, renovando-se e perpetuando-se nas futuras gerações. Para Butler (2020, p. 45-46):

[o] essencial para tantos movimentos políticos é a reivindicação de integridade corporal e a autodeterminação. É importante afirmar que nossos corpos são, em certo sentido, *nossos*, e que temos o direito de reivindicar direitos de autonomia sobre eles. Essa afirmação é tão verdadeira para as reivindicações de direitos de lésbicas e gays à liberdade sexual quanto para as reivindicações do direito de pessoas trans à autodeterminação, assim como para as reivindicações de pessoas intersexuais de estarem livres de intervenções médicas e psiquiátricas coercivas. Ela continua sendo verdadeira para que todas as reivindicações sejam livres de ataques racistas, físicos e verbais, assim como a reivindicação do feminismo à liberdade reprodutiva, e também para aqueles cujos corpos trabalham sob coação, econômica e política, sob condições de colonização e ocupação. (grifo da autora)

Sob outra perspectiva, seguindo a proposta da filósofa, faz-se necessário o entendimento de que o corpo não é só uma propriedade particular. Mesmo que seja difícil o estabelecimento da compreensão do corpo como algo maior, é importante enfatizá-la, no que diz respeito à esfera política. O corpo adquire características sociais porque:

Embora lutemos por direitos sobre nossos próprios corpos, os próprios corpos pelos quais lutamos não são apenas nossos. O corpo tem sua dimensão invariavelmente pública. Constituído como um fenômeno social na esfera pública, meu corpo é e não é meu. Entregue desde o início ao mundo dos outros, ele carrega essa marca, a vida social é crucial na sua formação; só mais tarde, e com alguma incerteza, reivindico meu corpo como meu, se é que o faço. (BUTLER, 2020, p. 46)

A luta pela autonomia do corpo pode também ser interligada à comunidade. Todos os corpos são interdependentes e por meio deles é possível constituir a luta pelos direitos dos marginalizados. Nesse sentido, admitimos pensar em *agenciamentos coletivos* para a criação de possibilidades em que se estabeleça uma sociedade aberta a novas singularidades humanas, em princípio, encobertas.

Quando uma mutação social surge, não basta extrair dela todas as consequências ou efeitos, segundo linhas de causalidade econômicas e políticas. É preciso que a sociedade seja capaz de formar agenciamentos coletivos que correspondam à nova subjetividade, de tal maneira que ela queira a mutação. (DELEUZE; GUATTARI, 2015, p. 119-120)

Na urgência de mudanças sociais, faz-se necessária a ruptura da tradição. Isso posto, a quebra dos paradigmas mantenedores do *status quo* – incapazes de responder às atuais demandas coletivas –, possibilita transformações civilizacionais profundas, delineando novos caminhos, permitindo que os movimentos sociais sejam capazes de instituir as suas ações afirmativas na sociedade. Por isso, para Gilles Deleuze (1992, p. 211), “A única oportunidade dos homens está no devir revolucionário, o único que pode conjurar a vergonha ou responder ao intolerável”.

E o intolerável está presente nas narrativas autobiográficas de Édouard Louis, pois o autor-narrador-personagem nos apresenta um mundo no qual pessoas socialmente invisíveis são diariamente violadas por simplesmente serem o que são. O apagamento histórico dessas minorias ocorre, não raro, como produto de muita violência. A presença da literatura édouardiana nos *fait divers* incomoda porque reflete, como espelho, o mal-estar da sociedade francesa diante de narrativas que desvelam preconceitos e violências enraizados e mascarados.

O incômodo advém de uma reatividade ante as violências ordinárias relatadas por Édouard Louis. A importância do mal-estar – dissimulado ou expresso – nas relações interpessoais, tanto no âmbito coletivo quanto no individual, produz movimento, que o conservadorismo tende sempre a tentar frear. Mutações sociais são a pedra de toque no processo de empoderamento de novas subjetividades, nas quais, segundo Deleuze (1974, p. 165): “não há acontecimentos privados e outros coletivos; como não há individual e universal, particularidades e generalidades. Tudo é singular e por isso coletivo e privado ao mesmo tempo, particular e geral, nem individual nem universal.”

Nessa perspectiva, tendo em vista a teoria de Butler, de que o corpo adquire dimensão política, convergindo para a propositura dos *agenciamentos coletivos* de Deleuze, temos a possibilidade de criação de um novo modo de existência. Entretanto, é preciso destacar a importância de que somos interdependentes, isto é, estamos ligados por uma rede de dependência de relacionamentos, muito bem sintetizada nas palavras de Deleuze e Guattari (2015, p. 119), “O acontecimento cria uma nova existência, produz uma nova subjetividade (novas relações com o corpo, o tempo, a sexualidade, o meio, a cultura, o trabalho...)”. Dito de outro modo, é preciso deixar que as novas mutações aconteçam na sociedade, pois sempre haverá alguma comunidade marginalizada, em

condição de barbárie. E é através da participação coletiva que fica evidente o estado de vulnerabilidade de determinados grupos sociais.

Contrariamente às novas mutações desejadas, observamos milhares de indivíduos que têm dificuldade de encarar os próprios preconceitos, isto é, de pensar a diversidade de outro modo, dando espaço ao respeito, à alteridade e à inclusão social. Nesse ponto, destacamos a capacidade discursiva do autor-narrador-personagem em expor barbaridades cotidianas em favor de processos de desconstrução da sociedade, visando ao acolhimento de novas formas de sexualidade, de expressão e de se relacionamento, que caminham a contrapelo do patriarcado francês.

Portanto, quando o autor-narrador-personagem reflete sobre sua condição existencial, nos reportando as violações sofridas em sua vida, as suas escritas adquirem contornos sociais, assim como Louis nos relata em sua entrevista: “A fronteira entre o que é político e íntimo é social e histórica. Quanto mais a história parecia íntima, mais achava que devia torná-la política. E porque é difícil dizer, é que é importante dizer.” (RODRIGUES, 2018). Desse modo, Édouard Louis transita entre a política e a literatura, sendo o protagonista de seu próprio livro e de suas lutas sociais através de uma narrativa autobiográfica extremamente refinada, quer dizer, que é engajada sem ser panfletária.

CONCLUSÃO

A literatura autobiográfica é o meio pelo qual Édouard Louis conchama os leitores à conscientização social. Em outras palavras, constitui-se num instrumento de luta pela liberdade sexual. Isso ocorre porque o autor é protagonista de sua própria luta, o que lhe garante propriedade argumentativa, contrapondo-o ao silenciamento histórico das vozes das minorias em favor das pautas propostas por grupos privilegiados pela normatividade.

Na verdade, a sua escrita é tanto um protesto pela reivindicação de seu lugar no mundo quanto um discurso político em favor de pequenos coletivos marginalizados: “Quando eu digo ‘eu’, estou dizendo um ‘eu’ coletivo. Quando conto minha história, levanto questões que dizem respeito aos outros. Minha vida é um pretexto para falar sobre coisas maiores.” (RODRIGUES, 2018). Nesse contexto, observamos que as suas escritas dirigem os olhares do leitor para os coletivos à margem da sociedade – onde as pessoas são submetidas a condições subumanas de existência –, evidenciando comportamentos cristalizados na sociedade na relação oprimido *versus* opressor.

Entendemos, a partir da literatura édouardiana, que há corpos que são menos aceitos e amados socialmente do que outros, estando mais propícios a sofrerem violência, tal qual o corpo masculino afeminado de nosso protagonista. No caso de Eddy, a heteronormatividade estava impregnada em seu ambiente social e familiar. Em diversos momentos, vimos os prejuízos emocionais gerados pelo enraizamento de regras rígidas de definições entre masculino e feminino.

Esse conjunto de preceitos dominantes e vigentes no ambiente social do personagem produziu uma das primeiras cenas mais impactantes, ao público-leitor, eivadas de agressão e coação, relatadas pelo autor-narrador-personagem, em seu primeiro livro autobiográfico, *O fim de Eddy*. Ainda no colegial, jovens o agredem gratuitamente apenas por ser diferente dos demais, numa prática de *bullying* — ação sistemática e repetitiva de atos de violência psicológica e/ou física.

A habilidade de escrita do autor transita entre a dor de uma vida sofrida e denúncias de práticas opressoras, abusivas e repressoras. São relatos de pequenos discursos homofóbicos até práticas mais agressivas e invasivas à dignidade humana,

como a violência sexual. Dessa maneira, após a leitura de seus livros, o leitor tem a sensação de adentrar as entranhas da França, perdendo pouco a pouco a sua rápida e simplista visão de um país modelo, conhecendo, assim, o processo de marginalização de alguns determinados grupos como *gays*, pobres e estrangeiros. Tal desmitificação do “país das maravilhas” atravessa a narrativa autobiográfica de Louis.

Por isso, é difícil de se imaginar esse tipo de projeto político, estético e literário fora da atual conjuntura, porque há, nessa literatura, peculiaridades inerentes ao atual estado sociopolítico da França e também do mundo, se considerarmos as lutas que se iniciam com a Rebelião de Stonewall nos EUA e os seus desdobramentos, como nascimento do orgulho *gay* e a sua escalada nas principais cidades do mundo ocidental. Nesse sentido, a literatura édouardiana é tributária de uma série de fatores e acontecimentos que entretencem as relações de poder e as estratégias políticas entre grupos, no que diz respeito às ações afirmativas de combate ao preconceito dominante, no tempo hodierno.

Dessa forma, remando, muitas vezes, contra a maré, Édouard Louis se faz um combatente em constante guerra, contra o retrocesso e o reacionarismo instaurado de há muito na França. Sua vida é “literatura”. Na verdade, de forma quase que indissociável, é difícil refletir sobre a sua produção artística sem considerar os aspectos políticos que a transpassam. Há, no decorrer de suas duas obras, *O fim de Eddy* e *História da violência*, a noção de que apesar de sermos todos humanos, as nossas condições de existência são diferentes de acordo com a nossa etnia, idade, sexualidade, origem, entre outros.

Assim, por assumirmos as suas duas obras como autossociobiografias, percebemos a maturidade que o autor vai adquirindo, com o passar do tempo, em relação ao espectro da afetividade, da sexualidade e também das identidades sociais. É possível notar – e o autor-narrador-personagem nos entrega isso – que há também vulnerabilidades em suas lutas pessoais e sociais. Temos, dessa maneira, a possibilidade de vê-lo agir e se relacionar de forma única, desprendendo-se, aos poucos, de pesos tradicionais e dogmáticos, que refuta em favor de suas análises sociológicas.

Nesse cenário, os dois planos diferenciados, individualismo e coletivismo, exercem uma só força: exemplos particulares experienciados pelo autor-narrador-personagem em favor das lutas e dos interesses coletivos. Observamos, assim, o movimento de dentro para fora que os dois livros operam em conjunto, sendo o segundo

a continuação do primeiro. Dessa maneira, a sua estratégia é inteligente, pois instiga a curiosidade das pessoas em relação à vida pessoal, isto é, a atração do público pelo privado. Valendo-se disso, além de causar indignação em seu leitor, Édouard Louis publiciza as mazelas sociais a fim de denunciar uma sociedade francesa marcada pelo arbítrio e o preconceito.

Além disso, a maneira pela qual o autor se utiliza de suas escritas reflete a tensão entre os limites do privado e do público. É justamente por isso que o leitor pode se sentir confrontado quando o autor-narrador-personagem o desafia a entender problemáticas – eivadas de contradições políticas, culturais e sociais – que nem ele mesmo consegue dar conta, a exemplo da sua conturbada relação com o cabila, em *História da violência*.

Em *O fim de Eddy*, vimos como a homofobia estava entranhada em seu ambiente sociofamiliar: elementos que geraram impactos no comportamento do protagonista, diante da sociedade, causando desconforto, cerceando a sua singularidade e até mesmo domesticando – pela derrisão – os vestígios de feminilidade. A heteronormatividade age, nesse contexto, como fórmula coercitiva contraposta à ruptura do protocolo social, à medida que coage a emergência do feminino no corpo masculino. Se experimentada às escuras, salvaguardadas as aparências, a homossexualidade, em si, não significaria nada. Em todo mundo, a homossexualidade ou bissexualidade é praticada por “cidadãos acima de qualquer suspeita”, pois é condição *sine qua non* que tais atos não transcendam o seu *locus*, permanecendo no seu lugar normativo.

Em muitos momentos, o autor-narrador-personagem nos mostra como a heteronormatividade era imposta em sua infância a fim de enquadrá-lo de acordo com o seu gênero, causando-lhe angústia e sofrimento. Esta norma social era reproduzida por vizinhos, colegas e familiares, sendo uma construção coletiva acerca do que se espera dos gêneros binários (masculino e feminino). Em consequência, o homem não poderia apresentar traços femininos em sua maneira de se portar e de se expressar. Nessa ótica, o *gay* afeminado é visto como um sujeito menor, inferior, sem dignidade.

Considerando-se que a maior parte da sociedade possui conceitos preconcebidos, a ideia de expor e desmontar preconceitos estruturais, que residem historicamente nas pessoas, é uma tarefa de aprendizado e, sobretudo, de abandono de certas raízes culturais, que são construídas ainda na infância. Desse modo, fazem-se necessários

processos de esclarecimento, de diálogo e de aprendizado com o objetivo de despertar a consciência social.

Além disso, há quem possa pensar, em um primeiro olhar, que as obras édouardianas foquem meramente questões pessoais e polêmicas, particularmente, quando pensamos na sua segunda obra, *História da violência*, que retrata, na maior parte de seu livro, o estupro sofrido pelo autor-narrador-personagem, praticado por um homem que ele acabara de conhecer. Entretanto, há, a todo momento, exposições, de relações entre o dominador e o dominado, criando intencionalmente um ambiente fértil para discussões filosóficas e sociopolíticas.

Vimos, além do tema central – o estupro –, que o autor-narrador-personagem identifica com facilidade pequenos preconceitos cotidianos, que juntos se somam a uma grande estrutura de opressão. Nesse sentido, cabe destacar o preconceito exercido pelas autoridades da França contra os árabes, o terrível embate entre as próprias minorias, como foi o caso de Reda e de seu pai para com os árabes, o próprio racismo que Louis identifica em si mesmo ao relatar o medo de ser violentado novamente. Esses fatores são importantes para entendermos o movimento de denúncia que as suas obras fazem, não negligenciando de quem parte a violência ou o preconceito, mas identificando-a e denunciando-a.

Por isso, trouxemos para o debate os Estudos Culturais, sobretudo, as teorias de Judith Butler, que nos conduziram, junto ao autor-narrador-personagem, ao fulcro dessas violações em cadeia. Nessa perspectiva, foi também fundamental levantar as premissas do pacto autobiográfico de Lejeune a fim de identificar o terreno narrativo de Édouard Louis, levando-nos a categorizá-lo como um autobiógrafo, o que nos permitiu constatar o seu lugar de fala enquanto *gay*, lhe garantindo propriedade argumentativa nos ambientes sociopolíticos.

Observamos, então, a forma como a literatura édouardiana capta as contradições sociais e as denuncia. Mas não somente isso, as suas autobiografias o transformam em protagonista da luta política e social que promove. Por meio da linguagem literária, o autor-narrador-personagem mostra ao seu leitor os cenários de sofrimento que as minorias sociais experienciam. A sua arte metaforiza, portanto, instrumentos combativos, com os quais muitos jovens se identificam.

Nesse contexto, podemos ressaltar que há, ainda, gerações inteiras de jovens LGBTQIA+ que nunca puderam experienciar os contatos afetivos livres de preconceito, dos conflitos e da violência. Desse modo, ao verbalizar as opressões sofridas, Édouard Louis insufla questões contraditórias entre as minorias e a sociedade, derrubando, assim, o retrato padrão e cruel do patriarcado que se reproduz na França e no mundo.

Esses elementos motores de oposição aos modelos binários de sexualidade previamente estabelecidos e impostos aos jovens, desde cedo, transformam sentimentos *gays* reprimidos em representatividade. Nesse cenário, o autor-narrador-personagem nos mostra a necessidade de se discutirem questões que silenciam e violam a vida de milhões de jovens pelo mundo.

Em *História da violência*, o leitor toma consciência da solidão do escritor e de como esta foi um dos fatores que o fizeram aceitar um desconhecido – estuprador e potencial assassino – em seu apartamento. Vale ressaltar, neste caso, a presença do isolamento social e da sensação de desamparo que jovens como ele sofrem. Dessa maneira, a rejeição e os comportamentos hostis das pessoas, em geral, para com os *gays* fazem com que estes vivam em eterno sentimento de desconforto, tristeza e solidão.

Nesse ponto, observamos que a renitência histórica dos mais variados tipos de violência, que envenenam a relação dos indivíduos LGBTQIA+ com a sociedade, faz com que esses grupos encontrem enormes dificuldades em suas vidas. A todo instante, a LGBTQIA+fobia cria obstáculos para os direitos sexuais e, conseqüentemente, para a liberdade sexual, de forma que encontremos jovens vivenciando a sua sexualidade tardiamente a partir dos 20 anos, dos 30 anos ou até mesmo nunca a vivenciando por conta de sentimentos como culpa, vergonha e medo.

Por isso, a representação das obras de Édouard Louis anuncia a quebra do paradigma do patriarcado nas relações pessoais, uma vez que a base social francesa e ocidental é, inegavelmente, homofóbica. Por conseguinte, faz-se necessário repensar aspectos culturais e comportamentais da sociedade a fim de reeducá-los para que novas gerações não experienciem a “angústia *gay*”.

Reivindicamos, então, rompimentos com esses ciclos de opressão e violência para que as novas gerações de jovens *gays* tenham o direito de viver a emancipação humana sem determinações de repressões sociais. Para além disso, que estas também possam criar novas formas de subjetividades e de referências para seus sucessores, bem

como nos dizem Deleuze e Guattari a respeito das novas mutações que surgem a todo instante na sociedade e a forma como devemos recepcioná-las a fim de possibilitar novos modos de existência humana, isto é, uma sociedade mais inclusiva.

Lembremos, ainda, que há custo para a produção de autobiografias denunciativas e engajadas politicamente, assim como há prejuízos em todo tipo de guerra. Em outros termos, significa que a cada exposição de sua vida pessoal, novos embates são travados. Por isso, a indisposição das pessoas para com os relatos do autor-narrador-personagem tem gerado danos em diversas esferas de sua vida.

Em suma, ao expor as emergências da vida periférica, trazendo uma visão contestadora ao senso comum, empregado pela sociedade a esses grupos marginalizados, concluímos que a produção literária de Edouard Louis se relaciona diretamente ao seu espírito de luta e combatividade social, que têm se mostrado, até aqui, altamente profícuos na França, consagrando-o como uma das maiores vozes da literatura francesa LGBTQIA+ de sua época.

REFERÊNCIAS

A vida das mulheres no Irã antes e depois da Revolução Islâmica. **BBC News**, 5 mar. de 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-47174927>. Acesso em: 12 jun. 2022.

BERGSON, Henri. **Le rire** : Essai sur la signification du comique. Paris: Félix Alcan, 1938.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto? Tradução de Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, Judith. **Vida precária**: os poderes do luto e da violência. Tradução de Andreas Lieber. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **Os herdeiros**: os estudantes e a cultura. Tradução de Ione Ribeiro Valle e Nilton Valle. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

BRUNEI, o país onde gays agora podem ser apedrejados até a morte. **BBC News**, 3 abr. de 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/04/03/brunei-o-pais-onde-gays-agora-podem-ser-apedrejados-ate-a-morte.ghtml>. Acesso em: 12 jun. 2022.

CAMPOS, Laura Barbosa. Autobiografia e trajetória social: escritas auto-sócio-biográficas de expressão francesa. In: NOGUEIRA-PRETTI, Luciana Persice (org.). **Literaturas Francófonas VI**: debates interdisciplinares e comparatistas. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2022, p. 310-321. Disponível em: <https://www.dialogarts.uerj.br/literaturas-francofonas-vi-debates-interdisciplinares-e-comparatistas/>. Acesso em: 05 set. 2022.

DELRUE, Arnaud. **Édouard Louis pour le magazine 360°**. 2019. Disponível em: <https://www.delrue.fr/index.php?m=portraits&i=30&c=1>. Acesso em: 03 jul. 2022.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Maio de 68 não ocorreu. **Revista Trágica**: estudos de filosofia da imanência, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 119-121, jan./abr. 2015.

ERNAUX, Annie. **La Femme gelée**. Paris: Gallimard, 1981.

ERNAUX, Annie. **L'écriture comme un couteau** : Entretien avec Frédéric-Yves Jeannet. Paris: Gallimard, 2003.

HERNÁNDEZ, Ángeles Sánchez. L'auto-socio-biographie d'Annie Ernaux, un genre à l'écart. **Anales de Filología Francesa**, n. 25, p. 187-205, 2017.

HOBBS, Michael. The Epidemic of Gay Loneliness, **Highline - HuffPost**. Disponível em: <http://highline.huffingtonpost.com/articles/en/gay-loneliness/>. Acesso em: 18 ago. 2021.

LAHIRE, Bernard. Entrevista com Bernard Lahire. **Cronos**, Natal: Rio Grande do Norte, v. 10, n. 2, p. 165-177, jul./dez. 2009.

L'ECRIVAIN Edouard Louis assigné pour atteinte à la présomption d'innocence et à la vie privée. **Le Point**, 18 mar. 2016. Disponível em: https://www.lepoint.fr/culture/l-ecrivain-edouard-louis-assigne-pour-atteinte-a-la-presomption-d-innocence-et-a-la-vie-privee-18-03-2016-2026261_3.php. Acesso em: 13 abr. 2022.

LEJEUNE, Philippe. **L'autobiographie en France**. Paris: Armand Colin, 1971.

LEJEUNE, Philippe. **Le pacte autobiographique**. Paris: Le Seuil, 1975.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. NORONHA, Jovita Maria Gerheim (org.). Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LOUIS, Édouard. **Changer : méthode**. Paris: Seuil, 2021.

LOUIS, Édouard. **Edouard Louis - Changer : méthode**. Youtube, 11 fev. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xp6ELy0vGrQ>. Acesso em: 18 jun. 2022.

LOUIS, Édouard. **Combats et métamorphoses d'une femme**. Paris: Seuil, 2021.

LOUIS, Édouard; LOACH, Ken. **Dialogue sur l'art et la politique**. Paris: Presses Universitaires France, 2021.

LOUIS, Édouard. **História da violência**. Tradução de Francesca Angiolillo. São Paulo: Planeta do Brasil, 2020.

LOUIS, Édouard. **O fim de Eddy**. Tradução de Francesca Angiolillo. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

LOUIS, Édouard. **Qui a tué mon père**. Paris: Seuil, 2018.

LOUIS, Édouard; DIDIER, Éribon *et al.* **Pierre Bourdieu : L'insoumission en héritage**. Paris: PUF, 2013.

MISKOLCI, RICHARD. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, n. 21, p. 150-182, jan./jun. 2009.

PASSOS, Úrsula. Em três livros, Édouard Louis já arranhou briga com mãe e político. **Folha de São Paulo**, 24 maio 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2019/05/em-tres-livros-edouard-louis-ja-arranhou-briga-com-mae-e-politico.shtml>. Acesso em: 14 abr. 2022.

PLANETADELIVROS. **O fim de Eddy**. 2018. Figura 3. Disponível em: <https://www.planetadelivros.com.br/livro-o-fim-de-eddy/271512>. Acesso em: 18 ago. 2022.

PLANETADELIVROS. **História da violência**. 2020. Figura 5. Disponível em: <https://www.planetadelivros.com.br/livro-historia-da-violencia/312450>. Acesso em: 18 ago. 2022.

PINTO, Débora Cristina Morato. Introdução. In: BERGSON, Henri. **O riso**: ensaio sobre o significado do cômico. Tradução de Maria Adriana Camargo Cappello. São Paulo: Edipro, 2018. p. 19.

RIADH B., jugé pour agression sexuelle à l'encontre d'Edouard Louis, de nouveau relaxé en appel, **Le Monde**, 07 fev. 2022. Disponível em: https://www.lemonde.fr/societe/article/2022/02/07/riadh-b-juge-pour-agression-sexuelle-d-edouard-louis-de-nouveau-relaxe-en-appel_6112674_3224.html. Acesso em: 25 jun. 2022.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

RODRIGUES, Maria Fernandes. Édouard Louis volta à infância miserável para investigar as origens da violência, **O Estado de São Paulo**, 16 jun. 2018. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,edouard-louis-volta-a-infancia-miseravel-para-investigar-as-origens-da-violencia,70002352231>. Acesso em: 23 jun. 2022.

ROSSINI, Maria Clara. O que foi a Rebelião de Stonewall? **Superinteressante**, 28 jun. 2019. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/o-que-foi-a-rebeliao-de-stonewall/>. Acesso em: 18 jun. 2022

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **As confissões**. Tradução de Wilson Louzada. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1965

SIMONET-TENANT, Françoise (org.). **Le propre de l'écriture de soi**. Paris: Téraèdre, 2007.

SEUIL. **En finir avec Eddy Bellegueule**. 2014. Figura 2. Disponível em: <https://www.seuil.com/ouvrage/en-finir-avec-eddy-bellegueule-edouard-louis/9782021117707>. Acesso em: 18 de ago. de 2022.

SEUIL. **Histoire de la violence**. 2016. Figura 4. Disponível em: <https://www.seuil.com/ouvrage/histoire-de-la-violence-edouard-louis/9782021177787>. Acesso em: 18 ago. 2022.

THE personal is political. **Story of the week**, 2021. Disponível em: <https://storyoftheweek.loa.org/2021/06/the-personal-is-political.html>. Acesso em: 21 jun. 2022.

VAPEREAU, Louis Gustave. **Dictionnaire universel des littératures**. Paris: Hachette, 1876.

VAPEREAU, Louis Gustave. **Dictionnaire universel des contemporains** : contenant toutes les personnes notables de la France et des pays étrangers. Paris: Hachette, 1858.